

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO - PPGSeD

MARIA EDUARDA DOS SANTOS ARAUJO

ANÁLISE DA FUNÇÃO EMANCIPADORA DA ARTE PARA
EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES HUMANAS

CAMPO MOURÃO-PR
2025

MARIA EDUARDA DOS SANTOS ARAUJO

**ANÁLISE DA FUNÇÃO EMANCIPADORA DA ARTE PARA
EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES HUMANAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Desenvolvimento.

Linha de pesquisa: formação humana, políticas públicas e produção do espaço.

Orientadora: Prof. Dra. Sandra Garcia Neves

CAMPO MOURÃO-PR

2025

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ARAUJO, Maria Eduarda dos Santos
Análise Da Função Emancipadora Da Arte Para
Expressão Das Emoções Humanas / Maria Eduarda dos
Santos Araujo. -- Campo Mourão-PR, 2025.
85 f.: il.

Orientador: Sandra Garcia Neves.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado Acadêmico Interdisciplinar: "Sociedade e
Desenvolvimento") -- Universidade Estadual do
Paraná, 2025.

1. Emancipação Humana. 2. Pessoas em tratamento
contra o câncer. 3. Hospital. 4. Arte. 5. Vivência.
I - Garcia Neves, Sandra (orient). II - Título.

MARIA EDUARDA DOS SANTOS ARAÚJO

ANÁLISE DA FUNÇÃO EMANCIPADORA DA ARTE PARA EXPRESSÃO DAS
EMOÇÕES HUMANAS

BANCA EXAMINADORA

Sandra Garcia Neves

Prof.* Dr. Sandra Garcia Neves (Orientadora) — Presidente

Zoia Prestes

Prof. Dr. Zoia Ribeiro Prestes — UFF, Niterói

Documento assinado digitalmente

gov.br

MARILDA GONCALVES DIAS FACCI

Data: 01/06/2025 10:20:16-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Marilda Gonçalves Dias Facci — UEM, Maringá

Data de Aprovação

28/05/2025

Campo Mourão - PR

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Marlete dos Santos Araujo e Aparecido Rodrigues de Araujo, que, apesar de todas as dificuldades e da simplicidade, sempre me incentivaram e me apoiaram para que eu não desistisse dos estudos. Vocês foram amigos, motivadores e grandes companheiros em um processo que, por vezes, se mostrou solitário.

Dedico, também, ao meu sobrinho João Miguel e à minha irmã, Juliana, que, em muitos momentos de aflição, conseguiram me arrancar sorrisos.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio incondicional.

À minha orientadora, professora Sandra Garcia Neves, pela rica parceria e partilha de conhecimentos desde a graduação, por ter me mostrado o poder humanizador da educação. Você me inspira como pesquisadora e professora.

Às professoras que participaram da banca examinadora de avaliação e que trouxeram contribuições valiosas à pesquisa: Zoia Ribeiro Prestes e Marilda Gonçalves Dias Facci.

Aos(às) professores(as), à coordenação e demais funcionários do PPGSeD, pelo apoio e direcionamentos prestados ao longo do curso.

Ao meu noivo, companheiro e incentivador, Moacyr Coutinho, que contribuiu significativamente para que eu me mantivesse atenta e forte durante o processo de escrita.

À minha amiga Carla, que nos momentos de angústia cedia seu ombro para que as preocupações se desfizessem.

Agradeço à prefeitura de Peabiru, em especial ao Centro de Educação Infantil Arco-Íris que, na figura de Cleosir e Jaqueline, me possibilitaram afastamento das atividades laborais para que eu pudesse ir à campo durante a aplicação da pesquisa.

Agradeço ao Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão que sempre se mantiveram solícitos e abertos ao diálogo, apesar de todas as dificuldades.

Por fim, agradeço, especialmente, aos pacientes da oncologia do Hospital Santa Casa que, de forma muito atenciosa e gentil, se dispuseram e se comprometeram a participar dessa pesquisa, mesmo diante dos desafios impostos pela própria condição de saúde. Sem a participação de vocês esse trabalho não seria possível!

ARAÚJO, Maria Eduarda dos Santos. **Análise da função emancipadora da Arte para expressão das emoções humanas**. 85f. Texto de defesa (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, Universidade Estadual do Paraná, *Campus* de Campo Mourão, Campo Mourão, 2025.

RESUMO

A Psicologia Histórico-Cultural possui seus fundamentos teóricos direcionados à compreensão do desenvolvimento da psique humana em relação ao movimento da realidade objetiva/concreta. Neste processo de compreensão do psiquismo, percebemos a função da Arte como promotora de desenvolvimento humano. Entendemos que a Arte, embora contribua para a manutenção e a conservação da ordem, ao atuar na preservação de alienações e estranhamentos, também favorece a compreensão profunda do processo de humanização. É com a matriz da produção cultural que desenvolvemos nosso estudo sobre as emoções expressas por pacientes em tratamento contra o câncer por meio da Arte. Por meio das manifestações/criações o ser humano expressa seus sentimentos e suas emoções. Fundamentamos nosso estudo intitulado “*Análise da função emancipadora da Arte para expressão das emoções humanas*” na abordagem do Materialismo Histórico-Dialético e da Psicologia Histórico-Cultural ao investigarmos de que modo a criação – pintura em tela de tecido com tinta acrílica – atua como recurso de humanização e como instrumento de expressão emocional para pacientes adultos em tratamento oncológico. Nosso objetivo é analisar as contribuições da Arte no processo de emancipação humana, compreendendo-a como forma de expressão das emoções humanas. Combinamos em nossa metodologia de pesquisa levantamento bibliográfico em bases especializadas e estudo de campo realizado junto a três pacientes do Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão (PR). A coleta de dados incluiu registros em diário de campo, entrevistas semiestruturadas, gravações de áudio e vídeo, bem como documentação fotográfica das obras produzidas. A descrição das criações, em consonância à observação dos dados qualitativos (gravações, diários de campo) e quantitativos (levantamentos em plataformas como Oasis-Br e CAPES), revelou três eixos centrais para discussão, quais sejam: (1) a arte como *mediação simbólica* para externalização de angústias frente à doença; (2) a *reorganização psíquica* promovida pela atividade criativa, conforme teorizado por Vigotski, com ênfase no desenvolvimento da imaginação; (3) a tensão entre *alienação e emancipação* nas produções. As telas, que analisamos em paralelo as telas de Frida Kahlo, demonstraram que a Arte Plástica não apenas reflete a subjetividade do adoecimento, mas manifesta a percepção da realidade. Apesar de algumas limitações como a baixa adesão de participantes à pesquisa, o estudo comprova que a articulação da Arte em práticas pedagógicas hospitalares amplia a qualidade de vida psíquica da pessoa em tratamento contra o câncer. Nossos estudos resultaram da compreensão de que a *criação* não apenas evidencia a esfera emocional dos pacientes, mas também favorece processos de elaboração e transformação afetiva, além disso, concluímos, também, que a Arte como *práxis transformadora*, assume função política na luta pela humanização e pela emancipação integral do ser humano.

Palavras-chave: Arte, câncer, emancipação humana, emoção.

ARAUJO, Maria Eduarda dos Santos. **Analysis of the Emancipatory Function of Art for the Expression of Human Emotions**. 85f. Master's thesis (Master's Degree) - Interdisciplinary Graduate Program in Society and Development, State University of Paraná, Campo Mourão Campus, Campo Mourão, 2025.

ABSTRACT

Historical-Cultural Psychology has its theoretical foundations aimed at understanding the development of the human psyche in relation to the movement of objective/concrete reality. In this process of comprehending the psyche, we recognize the function of Art as a promoter of human development. We understand that although Art contributes to the maintenance and conservation of order, by acting in the preservation of alienations and estrangements, it also favors a profound understanding of the humanization process. It is from the matrix of cultural production that we develop our study on the emotions expressed by patients undergoing cancer treatment through Art. Through manifestations/creations, human beings express their feelings and emotions. Our study entitled "Analysis of the Emancipatory Function of Art for the Expression of Human Emotions" is grounded in the Historical-Dialectical Materialism approach and Historical-Cultural Psychology as we investigate how creation, painting on fabric canvas with acrylic paint, acts as a resource for humanization and as an instrument for emotional expression for adult patients undergoing oncological treatment. Our objective is to analyze the contributions of Art in the process of human emancipation, understanding it as a form of expression of human emotions. In our research methodology, we combined a bibliographic survey in specialized databases with fieldwork conducted with three patients from the Santa Casa de Misericórdia Hospital in Campo Mourão (PR). Data collection included field diary records, semi-structured interviews, audio and video recordings, as well as photographic documentation of the produced artworks. The description of the creations, aligned with the observation of qualitative data (recordings, field diaries) and quantitative data (surveys on platforms such as Oasisbr and CAPES), revealed three central axes for discussion, namely: (1) art as symbolic mediation for the externalization of anguish in the face of illness; (2) psychic reorganization promoted by creative activity, as theorized by Vygotsky, with emphasis on the development of imagination; (3) the tension between alienation and emancipation in the productions. The canvases we analyzed, in parallel with the works of Frida Kahlo, demonstrated that Plastic Arts not only reflect the subjectivity of illness but also manifest the perception of reality. Despite some limitations such as the low adherence of participants in the research, the study proves that the incorporation of Art in hospital pedagogical practices enhances the psychic quality of life of people undergoing cancer treatment. Our studies resulted from the understanding that creation not only reveals the emotional sphere of patients but also favors processes of elaboration and affective transformation. Furthermore, we conclude that Art as transformative praxis assumes a political role in the struggle for humanization and the integral emancipation of the human being.

Keywords: Art, cancer, human emancipation, emotion.

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 – Ocorrências para os descritores “Arte” e “emancipação humana” no portal Oasis-Br	18
Tabela 2 – Ocorrências para os descritores “Arte” e “câncer” no portal Oasisbr	18
Tabela 3 – Ocorrências para os descritores “Arte” e “câncer” no portal CAPES Teses e Dissertações.....	19

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	14
2.1 Metodologia.....	14
<i>2.1.1 Participantes.....</i>	<i>19</i>
<i>2.1.2 Procedimentos</i>	<i>19</i>
3 ARTE E EMANCIPAÇÃO HUMANA.....	21
3.1 A arte como instrumento para a emancipação humana.....	29
4 TEORIA DAS EMOÇÕES	37
4.1 Contribuições da arte para o desenvolvimento psíquico	38
4.2 Arte e emoção.....	44
5 EMOÇÕES EXPRESSAS POR PESSOAS EM TRATAMENTO CONTRA O CÂNCER: ANÁLISE DA FUNÇÃO HUMANIZADORA DA ARTE	54
5.1 Experiências estéticas durante o enfrentamento ao câncer: uma breve revisão teórica sobre arte e emancipação humana.....	57
5.2 Emoções expressas por pessoas em tratamento contra o câncer: descrição das produções	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa intitulada “*Análise da função emancipadora da arte para expressão das emoções humanas*”, está vinculada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná- *campus* de Campo Mourão e se caracteriza como estudo interdisciplinar no âmbito da linha de pesquisa: formação humana, políticas públicas e produção do espaço.

Nesta pesquisa aprofundamos os estudos sobre Arte, Psicologia e Educação e refletimos sobre as Artes Plásticas como recurso de expressão de emoções e como objeto de emancipação humana junto a pessoas em tratamento contra o câncer. Nossa problemática vincula-se à necessidade de oportunizar às pessoas em tratamento contra o câncer a manifestação de suas emoções por meio de criações, em especial, a Arte em tecido. Entendemos que a Arte tem o seu princípio baseado na atividade social, e que apresenta a possibilidade, tanto de afetar outros sujeitos quanto de manifestar emoções a partir da capacidade de sensibilidade artística. A vivência da pessoa em tratamento contra o câncer é retratada de diferentes formas a depender de como percebe e sente o processo de adoecimento e tratamento. Muito além de oportunizar às pessoas em tratamento contra o câncer o acesso às Artes Plásticas como recurso humanizador, intentamos oportunizar condições de expressão de suas emoções. Para tanto, norteamos nosso estudo pela problemática: de que maneira a Arte contribui para a emancipação humana e é compreendida como forma de expressão das emoções no processo de constituição do indivíduo?

Nosso interesse em pesquisar a categoria da emancipação humana é um desdobramento da pesquisa de iniciação científica realizada durante a graduação em Pedagogia. Posteriormente, com a ampliação de leituras, incluímos o estudo de Arte como recurso de emancipação humana, especificamente, de expressão de emoções. A escolha temática para pesquisa adveio da trajetória em Grupos de Estudos (Espaço Marx – Campo Mourão) e da participação em movimentos sociais (Movimento Sem Terra e Feminista), que nos auxiliaram na formação política. Em consonância aos fatores pessoais que motivaram nosso interesse na temática, o complexo da Arte foi inserido nos estudos e associado à pesquisa que se gestava na universidade sobre Pedagogia e Psicologia Hospitalar. Assim, unimos os temas com o objetivo de desenvolvermos uma práxis no ambiente hospitalar que contribuísse com a qualidade de vida de adultos hospitalizados, com vistas a trabalharmos princípios para a emancipação

humana.

O lócus de pesquisa que selecionamos foi o Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão - Pr, que por sua vez, é uma instituição que atende pessoas em tratamento advindas dos municípios da Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão (COMCAM): Altamira do Paraná; Corumbataí do Sul; Iretama; Janiópolis; Nova Cantú; Rancho Alegre d' Oeste; Araruna; Barbosa Ferraz; Boa Esperança; Campina da Lagoa; Campo Mourão; Engenheiro Beltrão; Farol; Fênix; Goioerê; Juranda; Luiziania; Mamborê; Moreira Sales; Peabiru; Quarto Centenário; Quinta do Sol; Roncador; Terra Boa e Ubiratã. Tais municípios são caracterizados como de médio e alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Referente a justificativa técnico-científica, afirmamos que, em pesquisas que realizamos no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com o descritor “Pedagogia Hospitalar” encontramos inúmeros estudos que tratam da temática, contudo, há escassez de estudos sobre a Arte como recurso para a emancipação humana. Desse modo, o desenvolvimento deste estudo é necessidade formativa para pedagogos que atuam em ambientes hospitalares, e esperamos, a partir dele, contribuir com a compreensão da Arte em sua caracterização mais elevada de abstração humana e como atividade potencialmente humanizadora.

Ao retomarmos as discussões sobre a Pedagogia Hospitalar, observamos que remonta à década de 1935 e apresenta a indispensabilidade de pedagogos nesses espaços, pois propicia atividades que diminuem os prejuízos causados pela condição de saúde de sujeitos hospitalizados. Para isso, advogamos sobre a mediação intencional como possibilidade de desenvolvimento de funções afetivas/cognitivas por meio do acesso à cultura historicamente produzida. Ressaltamos também que a Arte é um tipo de “reflexo da realidade” (Lukács, 1970, p. 189) e, a partir dela, conforme afirmou Vigotski¹ (1999) ao se referir às obras de artes, especificamente, por se utilizarem de signos específicos e que lhes são inerentes, compõem uma estrutura estética, provocam e desenvolvem emoções. É nesta abordagem que desenvolvemos nosso trabalho, visto que entendemos que, por meio da Arte, a pessoa em tratamento contra o câncer pode expressar sentimentos, uma vez que, ainda de acordo com Vigotski (1999), a Arte provoca, por seu conteúdo, novas organizações psíquicas de elevação das funções humanas, como, por exemplo, a emoção e os sentimentos. Com o propósito de tratarmos de nossa problemática de estudo, o encaminhamento metodológico para o

¹Utilizamos a referência ao nome de Vigotski conforme os tradutores dos textos estudados para composição da presente pesquisa.

desenvolvimento desta pesquisa foi bibliográfico e de campo, fundamentados nos princípios do Materialismo Histórico-Dialético. No que tange ao procedimento, revisamos bibliografias clássicas e contemporâneas, que dissertam sobre a temática a partir do marxismo e da Psicologia Histórico-Cultural. Ainda concernente ao procedimento, pesquisamos em campo com coleta de dados por meio de entrevistas registradas em questionários escritos e sobre a criação livre, ou seja, por pinturas em tela de tecido com tintas acrílicas, que permitiram às pessoas em tratamento contra o câncer externalizar as emoções vivenciadas, e, por fim, discutimos artes plásticas de artistas, como por exemplo, de Frida Kahlo, e representações de emoções, como meio de aproximar e instrumentalizar os criadores das telas.

Considerando a necessidade de formação de pesquisadora e educadora na integralidade, julgamos necessária análise a partir da categoria da totalidade² para, a partir da Pedagogia, Psicologia e Filosofia identificarmos as múltiplas determinações que possibilitam (ou não), a expressão de emoções por meio de Artes Plásticas e a emancipação humana. Para respondermos a nossa problemática, nos fundamentamos, principalmente em: I. Na abordagem da Psicologia ao discutirmos mediação, emoções e subjetividade; II. Na abordagem da Filosofia ao abordarmos as categorias de objetividade, emancipação humana, compreensão da estética na perspectiva marxista; III. Na abordagem da Educação, ao discutirmos a função do pedagogo no ambiente hospitalar, e de forma secundária, na Saúde, ao trabalhar práticas de promoção de saúde e bem-estar.

Diante desse contexto, entendemos que nosso objeto de pesquisa exigiu que partíssemos da categoria da totalidade para sua compreensão, pois buscamos respostas para a complexidade da realidade, rompemos com as perspectivas simplificadoras e dicotômicas da ciência moderna e propusemos diálogos entre diversas áreas do conhecimento. Compreendemos que a inter-relação entre as áreas de conhecimento, e não a sua fragmentação, sugere forma de fazer ciência alicerçada nas contribuições e nas sugestões de outras áreas como instrumento para análise em sentido amplo, dialético e que ultrapassa os limites das aparências fenomênicas. Dessa forma, para atingirmos nossos intentos, organizamos a pesquisa em quatro seções, além da Introdução e das Considerações Finais: 2. Procedimentos Teórico-Metodológicos; 3. Arte e emancipação humana; 4. Teoria das emoções; 5. Emoções expressas por pessoas em tratamento contra o câncer: análise da função humanizadora da Arte.

²Na realidade, totalidade não significa todos os fatos. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato quaisquer classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido. Acumular todos os fatos não significa ainda conhecer a realidade; e todos os fatos reunidos em seu conjunto não constituem, a totalidade (Kosik, 1985, p. 35).

Na seção 2 intitulada “Procedimentos Metodológicos” caracterizamos os participantes e procedimentos de pesquisa de campo e de realização de entrevista com aplicação de questionário às pessoas em tratamento contra o câncer junto ao Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão.

Na seção 3 intitulada “Arte e emancipação humana” tivemos por objetivos específicos compreendermos o conceito de emancipação humana a partir da teoria marxiana, analisamos a relação existente entre o complexo da Arte com a emancipação e compreendemos os aspectos que constituem a Arte como possível instrumento e estratégia de emancipação humana. Para isso, retomamos os principais textos de Marx e Engels em que cunham a categoria de emancipação humana e a diferenciam das outras formas de libertação. Com base principalmente nos textos “*Sobre a Questão Judaica*” (2010a), “*Glosas Críticas Marginais ao artigo ‘O Rei da Prússia e a Reforma Social, de um Prussiano’*” (2010b) e “*Manuscritos Econômicos Filosóficos*” (2010c) discutimos como se deu o rompimento do pensamento de Marx com os jovens hegelianos de esquerda, e o seu processo de passagem de um social-democrata para um comunista.

Compusemos essa seção por uma subdivisão vinculada a um dos objetivos específicos que supramencionamos. Na subseção 3.1 intitulada como “*A Arte como instrumento para emancipação humana*”, retomamos os fundamentos da Psicologia e da Pedagogia que integram Arte e Emancipação, e apresentamos a função emancipadora e humanizadora da Arte. Além disso, revisamos a bibliografia existente que trata dessas temáticas complementarmente. Para elaboração desta subseção, nos norteamos pelo entendimento ontológico marxiano-lukacsiano sobre a constituição do homem como ser social e histórico e nas preposições de Leontiev (1978). Para esses autores, o processo de hominização, o salto ontológico de ser natural para social, foi principiado pela atividade do trabalho. Decorrente dessa compreensão, refletimos sobre duas possíveis matrizes de Arte: I. A Arte e a produção cultural como promotoras de compreensão profunda da humanidade; II. A Arte como promotora de estranhamentos, alienações, reprodução de fetiches. Isto é, a Arte funcionalizada para atender as demandas do Capital, a Arte alienante. A partir dessas discussões, refletimos sobre o conceito de objetividade e subjetividade (conceitos de Lukács), sobre o processo de criação de uma produção artística como categoria particular-universal e a atividade da imaginação e da criação como reflexo da realidade.

Na seção 4 denominada “Teoria das emoções” estudamos as emoções como expressão humana a partir da Psicologia Histórico-Cultural, as bases constitutivas da vida humana, como ocorre o desenvolvimento de criação, as contribuições da Arte para o desenvolvimento

psicológico e a relação existente entre Arte e Emoção, pois entendemos, a partir dos estudos de Vigotski (1999), que Emoção e Arte possuem profunda relação, além de suscitarem o desenvolvimento de outras funções psicológicas (imaginação, criação, percepção, atenção). Compusemos essa seção por três subseções, cada uma vinculada a um dos objetivos específicos que apresentamos. Na subseção 4.1 intitulada “Contribuições da Arte para o desenvolvimento psíquico” discutimos como a Arte contribui diretamente para o desenvolvimento psicológico. Para isso, retomamos o entendimento de que o trabalho é uma prática transformadora sobre a qual se fundamenta toda e qualquer sociedade, e que após a complexificação da atividade do trabalho, e conseqüentemente, em decorrência da apropriação do legado histórico, o desenvolvimento do psiquismo humano, resultou na exigência de participação e de interação de outras dimensões da vida, que tem seu fundamento e origem na atividade do trabalho, como a linguagem, o conhecimento científico, a Educação e a Arte (Lukács, 1970). Foi por meio e a partir da atividade do trabalho que o homem construiu suas características humanas – a linguagem, o pensamento, a atenção –, e fixou suas bases nos fenômenos da cultura intelectual e material (Leontiev, 2004).

Na subseção 4.2 intitulada como “Arte e Emoção”, discutimos a relação existente entre Arte e Psicologia ao observar que a Arte não tem a função de alterar o humor dos sujeitos: “a arte, deste modo, surge inicialmente como o mais forte instrumento na luta pela existência, e não se pode admitir nem a ideia de que o seu papel se reduza a comunicar sentimentos e que ela não implique nenhum poder sobre esse sentimento” (Vigotski, 1999, p. 310). Vigotski (1999) defendeu que a Arte não deve ser utilizada³ de forma simplista, pelo contrário, uma de suas funções está na possibilidade de reorganização psíquica. Considerando a necessária relação existente entre Arte e imaginação, Vigotski (1999, p. 23) argumentou que “a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções das fantasias”.

Na seção 5, “Emoções expressas por pessoas em tratamento contra o câncer: descrição das produções”, discutimos os resultados da pesquisa bibliográfica e da atividade de pintura em tela com adultos em tratamento oncológico. Analisamos a função das Artes Plásticas e do pedagogo hospitalar na mediação do desenvolvimento e da expressão emocional. Também apresentamos as produções dos pacientes e suas emoções, observadas nas criações e nas entrevistas. A seção tem duas subseções: a última trata das telas produzidas e de uma breve discussão sobre obras de Frida Kahlo, utilizadas como referência na pesquisa.

³Embora em *Psicologia da Arte*, Vigotski contraria a ideia de “Arte para tal” ou “para isso”, utilizamos essas expressões com fins didáticos de compreensão.

2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Iniciamos esse capítulo com algumas considerações teóricas a respeito da metodologia. Para isso, apresentamos brevemente, o método sobre o qual fundamentamos nossa dissertação e a classificação de nosso estudo. Após tratarmos dos conteúdos teóricos que orientam este trabalho científico, finalizamos este capítulo com a apresentação dos procedimentos que constituíram a metodologia, a etapa mais empírica da investigação.

2.1 Metodologia

A metodologia do trabalho científico está intimamente relacionada aos objetivos que visamos com o desenvolvimento da pesquisa. O conjunto de estratégias e ferramentas que adotamos ao longo de sua realização se refere aos instrumentos e aos procedimentos inerentes à pesquisa científica e que devem ser utilizados pelo pesquisador. A forma como a pesquisa é classificada também depende do conteúdo abordado, da natureza da pesquisa, dos objetivos estabelecidos pelo pesquisador e os procedimentos utilizados para atingir os resultados.

Quanto a abordagem, entendemos que nossa pesquisa se classifica como bibliográfica e de campo, isso porque recorremos a estudos de autores, clássicos e contemporâneos, que fundamentam suas pesquisas na Teoria Histórico-Cultural, Arte, Pedagogia Histórico-Crítica, Economia, Política e Filosofia, além de apresentar sua efetividade em campo.

Fundamentamos a pesquisa na abordagem do Materialismo Histórico-Dialético por meio do qual analisamos o objeto, detalhada e minuciosamente, a partir da realidade objetiva e condicionada ao seu contexto histórico. Como nossa pesquisa traz em seu bojo a aplicabilidade, entendemos que se caracterizou, inclusive, como estudo de campo, pois obtivemos informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, sobre qual investigamos respostas, ou descobrimos novos fenômenos ou as relações entre eles. Isso significa que, diferentemente do que inferem as concepções clássicas de metodologia, o Materialismo Histórico-Dialético “nega o conhecimento como uma sequência reta, sem desvios, que simplesmente agrega os fatos ou fenômenos” (Nagel, 2015, p. 24), ou seja, a lógica dialética exige que, para conhecermos o objeto, é necessário analisarmos todos os seus aspectos e mediações. Na lógica dialética há a necessidade de conhecimento do objeto em seu movimento real.

A busca metodológica para Marx consiste, exatamente, em desvendar o movimento,

identificar quais são as condições de existência de uma determinada formação social, dar conta da luta que os homens travam entre si, explicar porque os homens produzem e satisfazem necessidades. A busca metodológica para Marx, implica reconhecer o homem como transformando continuamente sua natureza, em um movimento perene acionado pelas contradições (Nagel, 2015, p. 24).

Isso significa que a busca metodológica em Marx consiste em identificarmos o movimento real do objeto, e não nos limitarmos a aparência dos fenômenos. Implica pensar dialeticamente as relações humanas. A leitura histórico-dialética exige-nos a compreensão do fenômeno a partir da categoria da totalidade, como meio de distanciamento das aparências fenomênicas. Mencionamos que a compreensão do objeto a partir da totalidade, significa apreendermos as múltiplas determinações que condicionam a existência do objeto e/ou do fenômeno, haja visto que “a exigência da totalidade implica, sim, em compreender a realidade por suas múltiplas conexões, examinar as relações entre os fenômenos para além da causalidade aparente” (Nagel, 2015, p. 24), isto é, compreender que a realidade é um complexo de complexos.

Para a teoria marxiana, a história e o desenvolvimento da humanidade não parte de evoluções sociais ou de movimentos lineares, não pressupõe uma etapa definitiva de desenvolvimento. Pelo contrário, a história da humanidade, bem como o seu desenvolvimento, é dialética e supõe contradições, avanços, crises e transformações. Se trata de um movimento revolucionário. Neste sentido, “a busca metodológica para Marx não está, pois, direcionada a examinar as características que imputamos aos homens, ou as que a eles conferimos. Essa forma preexistente de pensar os seus atributos não possui respaldo na teoria marxista” (Nagel, 2015, p. 24). A busca metodológica em Marx prevê o reconhecimento do homem e dos objetos como passíveis de transformações contínuas. Infere, portanto, a necessidade de explicar os fenômenos em seu movimento real.

Referentes aos procedimentos/encaminhamentos que adotamos para o desenvolvimento deste estudo, nossa pesquisa é classificada como bibliográfica, posto que, a elaboramos e a desenvolvemos a partir de estudos publicados, constituídos em livros e periódicos científicos.

A revisão da literatura foi o fundamento/base da pesquisa bibliográfica, já que foi por meio dela mapeamos as publicações sobre nosso tema de estudos e que nos permitiu a formação de um *corpus* documental para o prosseguimento do trabalho. Para o desenvolvimento do nosso estudo, pesquisamos bibliografias em diferentes domínios: Emancipação Humana, humanização, Arte e emoção. Dado os objetivos gerais e específicos, estabelecemos procedimentos metodológicos específicos para a realização do levantamento bibliográfico.

Para a construção do aporte teórico-metodológico do nosso trabalho, primeiramente

identificamos bibliografias na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) para obtermos informações quantitativas sobre as publicações referentes ao tema de estudo. Nessa pesquisa constatamos escassez de publicações referentes ao estudo da Psicologia Histórico-Cultural com aplicação em hospitais. Para a formação de um *corpus* documental atualizado, pesquisamos artigos, dissertações e teses que trouxessem nos títulos e/ou nas palavras-chave os descritores: Psicologia, Arte e oncologia.

Para identificação das principais características do debate teórico-metodológico sobre a função humanizadora da Arte na perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético e da Psicologia Histórico-Cultural, assim delimitamos nossa pesquisa:

- Em busca na BDTD, em agosto de 2024, na função *busca avançada*, levantamos artigos, dissertações e teses que contemplassem, inicialmente, os descritores: Arte; oncologia e Psicologia;
- Resultaram dessa busca, 16 (dezesesseis) produções: doze dissertações e quatro teses;
- Analisamos alguns elementos constitutivos dos textos: títulos, descritores/palavras-chave, resumo e introdução para observarmos se contemplavam estudos sobre a função da Arte no ambiente hospitalar.

Com essa análise identificamos ocorrências dos descritores “Arte” e “Psicologia”, contemplados em várias abordagens psicológicas. No entanto, após a leitura dos elementos mencionados, identificamos que as produções não se baseavam/fundamentavam na abordagem da Psicologia Histórico-Cultural. Diante disso, consideramos que a escassez de produções fundamentadas na Psicologia Histórico-Cultural se apresenta como dado relevante de análise.

A partir das leituras que realizamos, observamos temas/assuntos que se relacionavam com o estudo que desenvolvemos quanto a compreensão da Arte como recurso mnemônico e como reflexo do mundo real. Na tese intitulada “*Imagens simbólicas no adoecer: estudo descritivo sobre o processo arteterapêutico de pacientes oncológicos*” (Vasconcellos, 2004) observamos algumas semelhanças quanto ao entendimento da obra de Arte como forma de expressão de emoções e de sentimentos humanos.

O estudo do artigo “*Contribuições da Arteterapia no cuidado com mulheres em tratamento do câncer de mama*” (Simões, 2008) também contribuiu significativamente no que concerne aos procedimentos metodológicos, já que foi constituído com encaminhamentos semelhantes aos que adotamos neste estudo: I etapa: autorização de participação; II etapa: sensibilização; III etapa: elaboração livre; IV etapa: avaliação. Ressaltamos que, embora os estudos mencionados não partam dos mesmos pressupostos teóricos adotados em nossa pesquisa, validam a necessidade e enriquecem/aprimoram a discussão do tema que propusemos.

Em continuidade ao levantamento teórico, pesquisamos na página do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). O Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (Oasis-Br) é caracterizado como iniciativa do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Em sua coleção o portal reúne a produção científica referente a dados de pesquisa de acesso aberto tais como os publicados por periódicos científicos, repositórios digitais e bibliotecas de dissertações e teses.

Na página da biblioteca *on-line* Oasis-Br pesquisamos em *busca avançada* os conceitos/descriptores “Arte” e “emancipação humana”, e obtivemos como resultados 4 (quatro) ocorrências conforme elencamos na Tabela 1.

Tabela 1 – Ocorrências para os descritores “Arte” e “emancipação humana” no portal Oasis-Br.

Autor/a	Título	Palavras-chave	IES e ano	Tipo de documento
GATTI, José Paulo	Aspectos formativos da literatura: a Arte Literária na emancipação humana desde uma perspectiva multirreferencial.	Educação; desenvolvimento humano; literatura; multirreferencialidade.	UEL, 2010	Dissertação
CASTRO, Uelinton	Ensino de Arte: concepções subjacentes às práticas e sua contribuição no processo de emancipação humana.	Arte; ensino de Arte; emancipação estética; emancipação humana; sensibilidade estética.	UNESP, 2015	Dissertação
LOPES, Isabel Cristina Chaves	A mediação da Arte no trabalho educativo do Serviço Social para a emancipação humana.	Arte; mediação; Serviço Social; emancipação humana.	Não se aplica, 2017	Artigo
PEREIRA, Denise Perdigão	Que Arte entra na escola através do currículo? Entre o utilitarismo e a possibilidade de emancipação humana pela arte, nos programas de 1928 e 1941, na Escola Nova em Minas Gerais.	Programas de ensino; desenho e trabalhos manuais; emancipação; utilitarismo no ensino de Arte.	PUC-MG, 2006	Tese

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

Também pesquisamos na página do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), os conceitos de “Arte” e “câncer”, e tivemos como resultados 4 (quatro) ocorrências conforme elencamos na Tabela 2.

Tabela 2 – Ocorrências para os descritores “Arte” e “câncer” no portal Oasis-Br.

Autor/a	Título	Palavras-chave	IES e ano	Tipo de documento
TORRES, Monica Lisboa	Fotografia e câncer: como a doença torna-se obra de arte?	Autorretrato; fotografia; Arte; câncer; corpo; política.	UFRJ, 2020	Tese
FONTE, Rebecca Feitosa da; ZAVANELLI, Adriana C.; COSTA, Ederson Ribeiro; GONÇALVES, Dreyf Assis; FAJARDO, Renato Salviato.	Efeitos terapêuticos da arte de contar histórias no tratamento de câncer.	Terapia de grupo; oncologia; histórias.	UNESP, 2015	Resumo expandido

MARTINS, Alberto MESAQUE; MORAES, Cristine Alice Lima de; RIBEIRO, Rebeca Brito Nery; ALMEIDA, Suellen Santos Lima de; SCHALL, Virgínia Torres; MODENA, Celina Maria	A produção científica brasileira sobre o câncer masculino: estado da arte	Masculino; neoplasias; saúde do homem; publicações científicas e técnicas; indicadores de produção científica.	Não se aplica, 2013	Artigo
FERREIRA, Dennis de Carvalho; MEIRELLES JR, Valdir; CUNHA, Karin Soares Gonçalves; JANINI, Maria Elisa Rangel; CURVELO, José Alexandre da Rocha.	Enzimas citocromo P450 e sua correlação com os fatores de risco para o desenvolvimento do câncer de boca – um estado da arte.	Citocromos P450; cavidade oral; carcinoma; carcinogênese química.	Não se aplica, 2007	Artigo

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

As dissertações de Margareth Bonadio Tarraf intitulada “*O sentido da arte para uma adolescente em tratamento de câncer*”, de Marlene do Carmo Penasso Dinca intitulada “*A arte terapia em crianças com cancro (câncer)*”, de Danielle Pereira Mattos intitulada “*Corpo dilacerado/corpo reconstruído: da arte de Frida Kahlo à clínica de pacientes com câncer de cabeça e pescoço*”, de Elizabeth Maria Mendonça Real intitulada “*As relações entre o cinema brasileiro e a arte contemporânea a partir da Tropicália: um estudo dos filmes “Câncer”, “A lira do delírio” e “Exu-piá, coração de Macunaíma”*” e a dissertação intitulada “*A arte significando vivências de médicos que cuidam de crianças com câncer*”, não estão disponíveis para consultas. Também não está disponível para consulta o Trabalho de Conclusão de Curso de Jamille Rodrigues Barros intitulado “*A arte como recurso terapêutico e pedagógico para crianças com câncer*”.

Ao realizarmos *busca avançada* no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) identificamos 50 (cinquenta) trabalhos com os conceitos/descriptores “Arte” e “emancipação humana” e 36 (trinta e seis) sobre “Arte” e “câncer”. Contudo, desses trabalhos, somente dois dizem respeito a nossa temática de pesquisa e estão disponíveis para consulta conforme elencamos na Tabela 3.

Tabela 3 – Ocorrências para os descritores “Arte” e “câncer” no portal CAPES Teses e Dissertações.

Autor/a	Título	Palavras-chave	IES e ano	Tipo de documento
CASTRO, Uelinton	Ensino de Arte: concepções subjacentes às práticas e sua contribuição no processo de emancipação humana.	Arte; ensino de Arte; emancipação estética; emancipação humana; sensibilidade estética.	UNESP, 2015.	Dissertação
TORRES, Monica Lisboa	Fotografia e câncer: como a doença torna-se obra de arte?	Autorretrato; fotografia; Arte; câncer; corpo; política.	UFRJ, 2020.	Tese

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2024.

Um terceiro trabalho científico, a dissertação de Beatriz Furlan Paz intitulada “*Cuidados paliativos no tratamento de cães com câncer: o estado da arte de prevenir e aliviar a dor e o sofrimento do paciente, e oferecer assistência e apoio integral a relação humano-animal*”, não está disponível para consulta.

Os artigos referenciados nas tabelas acima compuseram a última seção e suas subseções de nossa dissertação.

2.1.1 Participantes

Inicialmente propusemos que a amostra seria composta por aproximadamente 30 (trinta) pessoas em tratamento contra o câncer. Como critério de inclusão elencamos: manifestação de desejo em participar da pesquisa; pessoas maiores de 18 (dezoito) anos de idade; ter ciência do diagnóstico; ter condições de saúde física; apresentar condições cognitivas preservadas; assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como critérios de exclusão, elencamos: pessoas menores de 18 (dezoito) anos; não manifestar desejo de participar do estudo; não assinar o TCLE; não possam, por motivos de saúde, participar das atividades desenvolvidas; pessoas em isolamento de saúde; pessoas em fim de tratamento. A definição ou redefinição do número de participantes, foi um critério que observamos em nossa pesquisa, visto que, o número de participantes se adequou a manifestação do desejo de pessoas em tratamento contra o câncer de participarem da pesquisa. Em decorrência da baixa adesão dos participantes, ao término do estudo foram obtidas três telas, uma vez que parte dos voluntários não compareceram para a coleta das telas e outros faleceram ainda durante o processo de criação da tela.

2.1.2 Procedimentos

Para realização desse nosso estudo, na primeira etapa submetemos o projeto à avaliação do Comitê de Ética da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) por meio da Plataforma Brasil que foi aprovado sobre o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética n.º 82603724.1.0000.9247. Também encaminhamos os documentos para o Conselho de Ética do Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão. Logo após, na segunda etapa, contactamos a administração do hospital e obtivemos informações básicas como nome, idade, contato e etapa do tratamento de pessoas atendidas na ala da oncologia.

Após a obtenção de informações básicas de pessoas em tratamento contra o câncer,

investigamos, na terceira etapa, qual o tratamento, o tipo de câncer, de acompanhamento, fase do tratamento, desejo e concordância em participar da pesquisa. De modo geral, estabelecemos vínculos com pessoas em tratamento contra o câncer, conhecemos, minimamente, suas histórias de vida, explicamos sobre a pesquisa e identificamos expectativas com o projeto.

Na quarta etapa do projeto, entregamos os materiais para produção das pinturas em tela (tela em tecido, jogo de pincéis, separador de tinta e tintas acrílicas). Ressaltamos que em momento algum, conduzimos ou interferimos nas pinturas das telas. Tomamos os devidos cuidados para não interferirmos no conteúdo das criações, visto que, nosso objetivo com pesquisa foi entendermos justamente como a Arte Plástica (pintura) contribui com a expressão das emoções de pessoas em tratamento contra o câncer.

Nas diferentes etapas da pesquisa, complementarmente, intentamos gravar vozes, imagens e coletarmos informações e dados descritivos (a serem utilizados nas descrições sobre as telas pintadas). Contudo, como as pessoas em tratamento contra o câncer pintaram as telas em suas residências, não utilizamos todos esses recursos. Utilizamos, porém, caderno de campo onde anotamos informações relevantes sobre as pessoas em tratamento contra o câncer e suas impressões após a devolução da tela produzida.

Entregamos as telas e os materiais para produção, e agendamos, para um segundo momento, a entrega das telas pintadas. Estabelecemos junto a essas pessoas, os momentos mais oportunos e condizentes com sua realidade e estado de saúde. Posteriormente, de posse das telas produzidas pelos participantes, procedemos à descrição das criações, seguida da análise sobre como essas obras dialogam com a realidade e exprimem elementos da materialidade, os quais são posteriormente elaborados subjetivamente. Em consonância com as descrições das produções, realizamos também discussão preliminar sobre algumas produções de Frida Kahlo, criteriosamente selecionadas por expressarem intensas vivências da artista, reveladas de forma singular em suas obras de artes.

Não promovemos mostras em locais públicos de Campo Mourão devido à baixa adesão de participantes. Consequentemente, não destinamos valores das telas à ala de oncologia da Santa Casa, pois não foi possível realizar o leilão.

3 ARTE E EMANCIPAÇÃO HUMANA

A obra de Karl Marx, produzida ao longo de seis décadas, foi marcada por um trabalho intelectual rigoroso e circunscrito a mudanças complexas em sua concepção teórica-filosófica. Há vários motivos que fundamentam a afirmação de que Marx evoluiu teoricamente, a começar pelo rompimento com os jovens hegelianos e a instauração/consolidação do novo método do Materialismo Histórico-Dialético.

A atividade de Marx, em sua maior parte, foi delineada pela luta de classes pelo proletariado. Em decorrência desse compromisso com a luta da classe trabalhadora, Marx delineou os fundamentos para as categorias da emancipação política e a emancipação humana, pois, por seu comprometimento com a classe trabalhadora, advogou em defesa da emancipação humana para o fim da exploração do Capital sobre o Trabalho (fim da exploração do homem sobre o homem). Neste sentido, com esse texto objetivamos compreender o conceito de emancipação humana fundamentado nos estudos e escritos de Karl Marx, de forma a conceituá-la como a emancipação universal e requerida aos trabalhadores para o fim da exploração do Capital sobre o Trabalho. Além disso, com base principalmente nos textos “*Sobre a Questão Judaica*” (2010), “*Glosas Críticas Marginais ao Artigo o Rei da Prússia e a Reforma Social de um Prussiano*” (2010) e “*Manuscritos Econômicos Filosóficos*” (2010), analisamos como aconteceu o rompimento do pensamento de Marx com os jovens hegelianos de esquerda e o processo de passagem de um social-democrata para um comunista.

Para compreendermos tais inquietações, verificamos que durante os anos de 1842 a março 1843, Marx foi colaborador e redator chefe de uma revista chamada Gazeta Renana [*Rheinische Zeitung*]. Durante um período, a revista reuniu diversos intelectuais, como por exemplo, alguns advindos da burguesia alemã – que financiava o jornal e que, em virtude de sua orientação liberal, impôs à Marx diversos conflitos em relação às censuras da burguesia prussiana – e os hegelianos de esquerda, que faziam, à época, oposição ao Estado absolutista. Nesta revista, conforme Baensaïd (2010a), Marx publicou seus primeiros artigos contestatórios sobre a liberdade de imprensa. Posteriormente ao tornar-se redator-chefe, ainda no ano de 1842, o número de assinantes cresceu rápido e exponencialmente.

A atividade como redator chefe colocou Marx, ainda muito jovem, diante de problemas econômicos e sociais, assim como o furto da madeira, o direito sobre o uso da terra e a situação de pauperismo em que viviam os camponeses de Moselle (Marx, 2017a). A partir desse contexto, Marx delineou suas primeiras considerações/discussões acerca do que seria a

emancipação humana. Para isso, tomou conhecimento dos problemas reais que subjaziam da objetividade.

De acordo com Paulo Netto (2020), quando jovem, a concepção teórica de Marx se aproximava dos princípios hegelianos. Contudo, em seu livro “*Manuscritos Econômicos Filosóficos*”, superou radicalmente o pensamento dos jovens hegelianos de esquerda ao afirmar o caráter especulativo da teoria hegeliana em geral. Conforme escreveu Marx (2009, p. 118) sobre Hegel que “[...] somente encontrou a expressão *abstrata, lógica, especulativa* para o movimento da história”. A perspectiva de Marx (2009, p. 151, grifo do autor), portanto, se diferenciava da filosofia de Hegel, tanto no que se refere à compreensão da realidade, quanto ao estado e a religião, pois compreendia que “ser radical é agarrar as coisas pela raiz”. Os hegelianos, conforme Marx (2005, p. 30), delimitaram seus entendimentos à crítica “das representações religiosas”. Ao suplantando essa compreensão, Marx (2005, p. 30) superou radicalmente o pensamento de seus antecessores, ao entender que “família e sociedade civil são os pressupostos do estado”, e por isso, o Estado não significava a base e a sustentação da sociedade e nem poderia significar uma instituição absoluta e infundável.

Minha investigação chegou ao resultado de que tanto as relações jurídicas como as formas de Estado não podem ser compreendidas por si mesma, nem pela chamada evolução geral do espírito humano, mas sim assentam, pelo contrário, nas condições materiais de vida cujo conjunto Hegel resume, seguindo o precedente dos ingleses e francês do séc. XVIII, sob o nome de ‘sociedade civil’ deve ser buscada na Economia Política (Marx, 2005, p. 17).

Marx compreendeu que a existência da sociedade civil é resultado da organização do modo de produção e da apropriação privada da riqueza. O Estado, portanto, se constituiu como instituição transitória que reprime, por meio da força, os trabalhadores, assim “logo que se puder falar de liberdade, o Estado como tal deixa de subsistir” (Engels, 2012, s/p). Portanto, a liberdade pressupõe, necessariamente, o fim do Estado.

Diferentemente de como asseverou Hegel (Marx, 2010a, p. 118, grifo do autor) que “somente encontrou a expressão *abstrata, lógica, especulativa* para o movimento da história, a história ainda não *efetiva* do homem [...]”, Marx (2010a) foi capaz de desvelar as raízes das mazelas sociais e percebeu que o problema se encontrava nas contradições sociais do mundo do trabalho. Foi neste período, então, marcado por conflitos pessoais e intelectuais, que Marx (2010) avançou do liberalismo burguês para o Materialismo Histórico-Dialético, ascendeu de um social-democrata para um comunista. Durante os anos em que se gestavam as condições materiais para a revolução burguesa, Marx (2010a) identificou o proletariado como a única

classe genuinamente revolucionária, capaz de abolir a divisão de classes.

Em meio aos conflitos que permeavam a intelectualidade da época – fosse burguesa ou não – e sua materialidade, Marx (2010a) rompeu definitivamente com o pensamento burguês e delineou seus primeiros pensamentos no que concerne às categorias de *emancipação humana* e de *emancipação política*, além de inaugurar nova forma de fazer ciência fundamentada no Materialismo Histórico-Dialético. Evidenciamos tal pensamento nas considerações de Paulo Netto (2020) ao sugerir que durante a juventude de Marx, suas ideias se aproximavam do pensamento hegeliano, contudo, superou radicalmente a forma idealista e especulativa de Hegel ao afirmar que os jovens Hegelianos se delimitaram puramente à crítica “das representações religiosas” (Marx e Engels, 2009, p. 83). Para Marx (2010a) o Estado deveria ser compreendido a partir das relações sociais, isto é, por sua materialidade e sua realidade objetiva.

Como supracitamos, o rompimento de Marx com os jovens hegelianos identificamos na obra “*Sobre a Questão Judaica*”, publicada em 1844. Nesse ensaio Marx (2010) criticou o pensamento e o posicionamento de Bruno Bauer⁴ sobre limitar a situação em que viviam os judeus como apenas de ordem religiosa. Marx (2010a, p. 55) entendeu que o intelectual “concentrou e transformou a questão da emancipação dos judeus em uma questão puramente religiosa”. A crítica realizada por Marx foi de que Bauer limitou a problemática judaica à discussão exclusivamente religiosa, quando, na verdade, a centralidade da discussão correspondia ao fato de que a emancipação dos judeus só poderia significar a emancipação de toda a humanidade.

Como são constituídos o judeu a ser emancipado e o Estado cristão que deve emancipar? Ele responde com uma crítica à religião judaica, analisando o antagonismo religioso entre judaísmo e cristianismo [...] como se faz para tornar impossível um antagonismo religioso? Superando a religião (Marx, 2010a, p. 34).

Para Bauer a problemática da emancipação se resolveria quando cristãos e judeus entendessem que a religião é um estágio transitório do desenvolvimento do espírito humano (Marx, 2010a). Então, para que as pessoas fossem efetivamente emancipadas, seria necessário a libertação da religião para que o estado se professasse “enquanto tal” (Marx, 2010a). Marx (2010a, p. 36, grifo do autor) explicita que:

Bauer exige, portanto, por um lado, que o judeu renuncie ao judaísmo, que o homem em geral renuncie a religião, para tornar-se emancipado *como cidadão*. Por outro lado,

⁴Filósofo, historiador da religião e publicista; jovem hegeliano; criticou a bíblia e o conceito ortodoxo de Deus a partir do ponto de vista idealista; foi hegeliano de esquerda – e demitido da Universidade de Bonn por seu radicalismo –, depois passou a conservador, defendendo a reação prussiana (Bensaïd, 2010a, p. 137).

de modo coerente, a superação *política* da religião constitui para ele a superação de toda religião. O Estado que pressupõe a religião ainda não é um Estado verdadeiro, um Estado real.

Marx (2010a) compreendeu que a problemática não estava em quem deveria se emancipar, ou como deveria ser emancipado, isto porque, para Marx (2010a) a emancipação dos judeus deveria ser a emancipação de toda a humanidade. Em suma, o cerne da problemática foi a forma de emancipação.

É nesse ponto que se evidencia a compreensão *unilateral* da questão judaica. De modo algum bastava analisar as questões: quem deve emancipar? Quem deve ser emancipado? A crítica tinha uma terceira coisa a fazer. Ela devia perguntar: *de que tipo de emancipação se trata?* Quais são as condições que têm sua base na essência da emancipação exigida? Tão somente a crítica à *emancipação política* mesma poderia constituir a crítica definitiva à questão judaica e a sua verdadeira dissolução na “questão geral da época”. Bauer incorre em contradições por não alcançar a questão a esse nível (Marx, 2010a, p. 36).

Ao tecer críticas ao Estado burguês em sua forma real e concreta, Marx (2010a) se diferenciou de Bruno Bauer, principalmente porque esse último não investigou a relação entre emancipação política e emancipação humana. Para qualificar e ampliar a discussão acerca do tema, Marx (2010a, p. 38) estabeleceu como ordem do dia a categoria da *emancipação humana*. Isso porque, em suas palavras, “a questão da relação entre emancipação política e religião transforma-se para nós na questão da relação entre *emancipação política e emancipação humana*”. Marx (2010a) constatou que ao se libertar da religião, ou seja, ao alcançar a emancipação política, o *Estado* se tornou livre da religião sem que o homem se tornasse efetivamente livre. São justamente essas considerações que fundamentaram o que Marx (2010a, p. 38) entendeu por *emancipação política e emancipação humana*.

Na sua forma de Estado, no modo apropriado à sua essência, o Estado se emancipa da religião, emancipando-se da *religião do Estado*, isto é, quando o Estado como Estado não pode professar nenhuma religião, mas, ao contrário, professa-se Estado. A emancipação *política* em relação à religião não é a emancipação já efetuada, isenta de contradições, em relação à religião, porque a emancipação política ainda não constitui o modo já efetuado, isento de contradições, da emancipação *humana*.

Para Marx (2010a) a emancipação política representa uma emancipação parcial, circunscrita às limitações impostas pela própria política. A emancipação política elevou o homem à condição de cidadão, que passou a ter deveres perante o Estado, mas o manteve na condição de explorado, se tornou membro da sociedade burguesa. A dissociação do homem entre judeu e cidadão, ou cristão e cidadão, se constituiu como a efetiva emancipação política

(Marx, 2010a).

Ao identificar as limitações da emancipação política e compreender que esta não é isenta e não anula as contradições, Marx (2010a) defendeu intransigentemente a emancipação humana e definiu a forma de emancipação necessária aos trabalhadores para o fim da exploração do Capital sobre o Trabalho. A concepção de Marx (2010a, p. 54, grifos do autor) refere-se à emancipação universal para a humanidade.

Mas a emancipação humana só estará plenamente realizada quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado *ente genérico* na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas “*forces propres*” [forças próprias] como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si a força social forma de força política.

Na emancipação humana o homem retoma a posse de sua força de trabalho que antes estava alienada. A mesma força que permite aos homens se reproduzirem em sociedade – visto que a história universal se desenvolve a partir da coletividade – mas também, na subjetividade dos sujeitos. A emancipação só estará plenamente realizada assim que todas as formas de alienação de reprodução da vida forem superadas. Na sociedade organizada a partir do trabalho associado, o sujeito ao se libertar da consciência alienada, desenvolve suas máximas potencialidades e se desenvolve integralmente, sem os atuais limites impostos pela sociabilidade do Capital. Esta forma de emancipação, que se fundamenta no desenvolvimento pleno do homem, se sustenta a partir do tempo livre e da organização e desenvolvimento universal do trabalho.

A partir do pressuposto de que a emancipação humana significa o fim do trabalho alienado, Marx (2009) desenvolveu seu estudo acerca da categoria da *alienação* por meio da obra de Ludwig Andrea Feuerbach⁵ que discutiu sobre a alienação religiosa. Para qualificar seus estudos, Marx reinseriu a discussão sobre *alienação* a partir da atividade do trabalho, posto que, compreendeu que a alienação do trabalho seria a base para todas as outras formas de alienação. Para Bottomore (2001, p. 18) a alienação, na concepção marxiana, pode ser

⁵Era filho do conhecido professor jurista Anselmo Feuerbach. Assistiu às lições de Hegel na universidade de Berlim e fez-se seu discípulo. Em 1828 começou a explicar filosofia na universidade de Erlangen. Em 1830 publicou seu primeiro trabalho “Pensamentos Sobre a Morte e a Imortalidade”. Devido à publicação desse trabalho, Feuerbach foi acusado de propagar o ateísmo e seu livro apreendido. Por essa mesma razão foi expulso da Universidade, perdendo a cátedra universitária até o fim da vida. Radicou-se numa pequena aldeia da Turíngia onde sua mulher possuía uma pequena indústria e ali passou 25 anos separado do movimento filosófico e social. Tampouco participou ativamente na revolução de 1848, depois da qual quase nada escreveu. Passou os últimos anos da vida na miséria, devido à falência da sua fábrica; na velhice, Feuerbach conheceu as Obras de Marx e Engels e em 1870 ingressou no partido social-democrata alemão. Engels pronunciou um discurso no enterro de Feuerbach (Shcheglov, 1945, s/p).

entendida como:

[...] a ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição, ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou à natureza na qual vivem, e/ou outros seres humanos, e – além de, e através de, – também a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente).

Para Marx (2009), portanto, a condição de alienação resulta das múltiplas determinações da sociedade capitalista em que o trabalhador permanece alheio à totalidade de sua produção. Essa alienação se reflete, inclusive, em outros âmbitos da vida dos sujeitos, inclui a própria subjetividade (inclui a alienação das possibilidades humanas), que é constituinte do sujeito.

A alienação é sempre alienação de si próprio ou autoalienação, isto é, alienação do homem (ou de seu ser próprio) em relação a si mesmo (às suas possibilidades humanas), através dele próprio (pela sua própria atividade). E a alienação de si mesmo não é apenas uma entre outras formas de alienação, mas a sua própria essência e estrutura básica. Por outro lado, a “autoalienação” ou alienação de si mesmo não é apenas um conceito (descritivo), mas também um apelo em favor de uma modificação revolucionária do mundo (desalienação) (Bottomore, 2001, p. 18).

Marx (2009) concordou com Feuerbach em relação à alienação religiosa. Contudo, a partir de sua compreensão político-econômica, essa era apenas algumas das muitas formas de alienação presentes no modo de produção capitalista. Para Marx, o homem não se aliena apenas na forma de Deus, mas também, por meio da Filosofia, do conhecimento da vida cotidiana e, até mesmo, da própria Arte, já que essa última contribui com a promoção de estranhamentos, alienações e reproduções de fetiches que encobrem a realidade (Bottomore, 2001).

Importante salientarmos que na concepção marxiana, estranhamento e alienação não são sinônimos. Possuem significados diferentes, posto que a primeira está carregada de objetivações e a segunda impede que a primeira se realize em conformidade com as potencialidades humanas:

[...] a noção que Marx tem de alienação (ou exteriorização, extrusão, *Entäusserung*) é distinta da de estranhamento (*Entfremdung*). A primeira está carregada de um conteúdo voltado à noção de atividade, objetivação, exteriorizações históricas do ser humano; a segunda, ao contrário, compõe-se de obstáculos sociais que impedem que a primeira se realize em conformidade com as potencialidades do homem, entaves que fazem com que, dadas as formas históricas apropriação e organização do trabalho por meio da propriedade privada, a alienação aparece como um elemento concêntrico ao estranhamento (Ranieri, 2001, p. 7).

A alienação, portanto, está condicionada à ontologia do homem, enquanto o estranhamento é produção e consequência da propriedade privada. Se na emancipação política

o homem é reduzido a membro da sociedade civil (cidadão), a emancipação humana depende das condições de superação da cisão do homem entre cidadão e homem pertencente ao gênero humano. Por isso, a verdadeira “emancipação universal, a emancipação humana é a única capaz de superar as contradições da sociedade civil-burguesa, porque é a *Aufhebung* do conflito entre existência individual sensível e a existência genérica dos homens” (Löwy, 2002, p. 97, grifo do autor). A emancipação humana exige, portanto, a supressão da alienação política e da propriedade privada – fundamentos econômicos da sociedade burguesa.

Para a efetivação da emancipação, Marx (2010) no artigo *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução*, retomou a discussão sobre o proletariado como classe genuinamente revolucionária que representa os interesses gerais da sociedade, e que ao se libertar, atua na dissolução da sociedade de classes.

[...] quando o proletariado anuncia a *dissolução da ordem mundial até então existente*, ele apenas revela o *mistério de sua própria existência*, uma vez que ele é a *dissolução fática* dessa ordem mundial. Quando o proletariado exige a *negação da propriedade privada*, ele apenas eleva a *princípio da sociedade* o que a sociedade elevava a *princípio do proletariado*, aquilo que *nele* já está involuntariamente incorporado como resultado negativo da sociedade (Marx, 2010, p. 156, grifo do autor).

Ao perceber o proletariado como “[...] a classe universal emancipadora e suas armas materiais” (Löwy, 2002, p. 102), Marx (2010a) retomou a tese afirmada no artigo *Sobre a Questão Judaica e Manuscritos Econômicos filosóficos* sobre as condições para a emancipação, e reafirmou a condição para a superação da alienação, e, conseqüentemente, para a emancipação humana, a necessária supressão da propriedade privada dos meios de produção. Atingida a condição de emancipação humana, o homem poderá se desenvolver integralmente e “a vida será moldada pelas potencialidades do gênero homem, que abarca as potencialidades de todos os indivíduos que contém. A premência dada a esta universalidade incorpora a natureza ao autodesenvolvimento da humanidade” (Marcuse, 1969, p. 252). Os homens poderão, então, se desenvolver como gênero humano, sem as atuais limitações impostas pela sociabilidade do Capital.

A partir desse entendimento, se afirmamos que a condição para a emancipação humana é a superação da condição alienante, observamos, a partir da concepção marxiana, que o trabalho, atividade essencial a qualquer tipo de sociedade e que deveria servir como instrumento para o desenvolvimento das máximas potencialidades humanas, no âmbito do sistema capitalista, opera como instrumento de desumanização e “o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão”

(Marx, 2009, p. 80). Isso porque, o trabalho não cria apenas a mercadoria, produz a si mesmo e o trabalhador como mercadoria (Marx, 2009, p. 80). Na sociedade burguesa, portanto, o trabalho se torna alienante e causa *estranhamentos*, posto que:

[...] o trabalho mesmo se torna um objeto, do qual o trabalhador só pode se apossar com os maiores esforços e com as mais extraordinárias interrupções. A apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento (*Entfremdung*) que, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais fica sob o domínio do seu produto, do capital. [...] quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (*ausarbeitszeit*), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (*fremd*) que ele cria diante de si, tanto mais o trabalhador se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio (Marx, 2009, p. 81).

Observamos que em Marx (2009) o homem e o trabalho *concreto*⁶ estão em relação recíproca. Isso significa que à medida que o homem produz o trabalho, o trabalho produz o homem. Nas relações capitalistas o trabalhador se torna servo do seu objeto (Marx, 2009, p. 81), isto é, escravo do seu trabalho, o que resulta em uma relação de estranhamento. Em vistas de tais considerações, entendemos que a pauta que deve permear a luta dos trabalhadores, deve ser a emancipação humana. Em *Manuscritos Econômicos Filosóficos*, Marx (2009, p. 105, grifos do autor) evidencia que a condição para a emancipação humana é o comunismo:

o comunismo na condição de supra-sunção (*Aufhebung*) positiva da propriedade privada, enquanto estranhamento-de-si [...] humano, e por isso enquanto apropriação efetiva da essência humana pelo e para o homem. Por isso, trata-se do retorno pleno, tornado consciente e interior a toda riqueza do desenvolvimento até aqui realizado, retorno do homem para si enquanto homem social, isto é, humano. Este comunismo é, enquanto naturalismo consumado = humanismo, e enquanto humanismo consumado = naturalismo. Ele é a verdadeira dissolução (*Auflösung*) do antagonismo do homem com a natureza e com o homem; a verdadeira resolução (*Auflösung*) do conflito entre existência e essência, entre objetivação e auto-confirmação [...], entre liberdade e necessidade [...], entre indivíduo e gênero. É o enigma resolvido da história e se sabe como esta solução.

Diante do que expusemos, entendemos que a partir do comunismo o homem recuperará e desenvolverá sua verdadeira essência humana. Trata-se da retomada da consciência de si (do próprio homem). O fundamento do comunismo é a livre organização do trabalho associado. Ao recuperar sua força de trabalho que se encontrava em estado de alienação, o homem passa a ter as condições (materiais) necessárias para o desenvolvimento integral. Cabe ressaltar que o comunismo não se encerra em si mesmo, não significa o fim do desenvolvimento histórico do

⁶Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força humana de trabalho em sentido fisiológico, e graças a essa sua propriedade de trabalho humano igual ou abstrato ele gera o valor das mercadorias. Por outro lado, todo trabalho é dispêndio de força humana de trabalho numa forma específica, determinada à realização de um fim, e, nessa qualidade de trabalho concreto e útil, ele produz valores de uso (Marx, 2023, p. 172).

homem, pelo contrário, a emancipação humana é a garantia para o contínuo desenvolvimento do gênero humano.

3.1 A Arte como instrumento para a emancipação humana

Na subseção anterior abordamos sobre o que é a categoria da Emancipação Humana e as razões para que este seja objetivo que deve guiar a luta dos trabalhadores. A partir dos estudos de Lukács (2019), inferimos que o *trabalho* é a categoria fundante do ser social, é a atividade que permitiu o salto ontológico qualitativo de ser natural para social. Nessa direção, identificamos que foi com a complexificação do trabalho e da sociedade que houve a exigência de participação e de interação de outras dimensões da vida, como a linguagem, o conhecimento, a Educação, a Arte. Todas as áreas foram necessárias para o desenvolvimento humano e todas têm seu fundamento e sua origem na atividade do trabalho. Por entendermos que esses complexos (como a Educação) ou funções (como o caso da linguagem) são de natureza social, a Arte tem sua origem na atividade psicossocial, isso porque está intrinsecamente relacionada à realidade objetiva e às relações sociais de épocas determinadas.

Embora guarde relações com o contexto histórico e social, a Arte não exprime a realidade fidedignamente, é uma representação do que é apreendido do mundo objetivo e fruto da ação imaginária e criativa que se transforma, posteriormente, em produto cultural. Por isso, em síntese, identificamos que a Arte e a produção cultural implicam compreensão profunda da humanidade, mas também, promovem estranhamentos, alienações e reproduções de fetiches que encobrem a realidade. É com a primeira matriz da produção cultural e Arte que desenvolvemos o estudo sobre a Arte e a emancipação humana.

Nossa análise do contexto histórico atual indica que, diferente do conceito revolucionário proposto por Marx (2009) sobre a Arte como processo revolucionário e humanizador, na sociabilidade do Capital, a Arte é usurpada para atuar a serviço do Capital como instrumento de (re)produção de fetiches, e, conseqüentemente, de manutenção da ordem social vigente (a capitalista). A partir disso, contrários ao que prevê a Arte na perspectiva do Capital, objetivamos nessa discussão abordarmos como a Arte assinala um projeto alternativo para além da barbárie capitalista e contribuirmos com a luta pela emancipação humana. Compreendemos que a Arte auxilia no processo de desenvolvimento *omnilateral/integral* dos sujeitos e quando “o homem, devido à alienação, não se apropria de sua essência omnilateral como um homem total” (Mészáros, 2006, p. 183), e limita sua atenção à esfera da mera utilidade, como resultado e consequência da falta de consciência, gera, portanto, “um extremo

empobrecimento dos sentidos humanos” (Mészáros, 2006, p. 183).

Nossa compreensão acerca do tema, como enunciamos, parte da concepção marxiana-lukacsiana sobre a constituição/formação do ser social de que o trabalho é a forma primeira de relacionamento entre o homem e o mundo, “é a condição básica e fundamental de toda a vida humana e em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem” (Engels, 2006, p. 1). Lukács (2018) aduziu que é na atividade que se postula a humanização do homem, a atividade do trabalho é a base para as diferentes formas de consciência. Na qualidade de produto sócio-histórico, foi por meio da atividade do trabalho – atividade principal da produção e reprodução da humanidade – que se promoveu a transformação do ser orgânico em social.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas, eles próprios começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida [e] produzindo seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material (Marx e Engels, 2009, p. 42).

Diferentemente dos animais, o homem se constitui justamente a partir dos outros, se constitui a partir da forma como se comporta diante da realidade objetiva e dos objetos, que criam novas necessidades.

[...] o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, e só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira; (no animal) o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem se defronta livre[mente] com o seu produto. O animal forma apenas segundo a medida e a carência da *species* à qual pertence, enquanto o homem sabe produzir segundo a medida de qualquer *species*, e sabe considerar, por toda a parte, a medida inerente ao objeto; o homem também forma, por isso, segundo as leis da beleza (Marx, 2010, p. 85).

Essas transformações decorrentes do trabalho resultaram no complexo psiquismo humano que se caracteriza como imagem subjetiva da realidade concreta. Para Leontiev (1976) a consciência humana se caracteriza como reflexo do mundo exterior, da realidade. Isso significa dizermos que o psiquismo humano é concebido como formação, consequência da atividade que condiciona a consciência e que, por sua vez, a regula.

Concernente a esse assunto, Lukács (2018), ao inferir que foi com a complexificação do trabalho – síntese teleológica entre homem e natureza –, e da sociedade a partir dele, que houve a exigência de participação e de interação de outras dimensões da vida, como a linguagem, o conhecimento, a Educação, a Arte, todas necessárias para o desenvolvimento do ser social e que tem seu fundamento e sua origem na atividade do trabalho. Neste sentido, a Arte é

percebida sob e a partir da atividade do *trabalho* e assume função revolucionária na formação dos sujeitos. Marx (2010c) argumentou que a Arte atua diretamente na formação/humanização dos sentidos humanos. Importante ressaltarmos, também, que a humanização dos sentidos, assim como afirmou Marx (2010c), está condicionada a novo modelo de sociedade, posto que, dificilmente haverá humanização dos sentidos na atual forma de organização social fundamentada sob a égide da exploração e da opressão do homem pelo homem. Neste viés, Marx (2010c, p. 110, grifos do autor), inferiu que:

[...] apenas pela riqueza objetivamente desdobrada da essência humana que a riqueza da sensibilidade humana subjetiva, que um ouvido musical, um olho para a beleza da forma, em suma as fruições humanas todas se tornam sentidos capazes, sentidos que se confirmam como forças essenciais humanas, em parte recém cultivados, em parte recém engendrados. Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.), numa palavra o sentido humano, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência do seu objeto, pela natureza humanizada. A formação dos sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui.

O homem adveio das complexas relações sociais. Assim como a mão humana também se desenvolveu a partir da necessidade, pois, “[...] a mão humana tinha sido liberada e poderia sem cessar, ir adquirindo novas habilidades, sendo que a maior delas, assim alcançada, podia ser herdada e melhorada de geração em geração” (Engels, 1979, p. 216), os sentidos humanos, também se humanizaram para satisfazer as necessidades de desenvolver e de enriquecer a sensibilidade humana (atividade essencialmente e exclusivamente humana). A elevação e desenvolvimento do nível de sensibilidade, neste sentido, associa-se aos determinantes culturais e sociais que se engendram a partir das relações estabelecidas entre os sujeitos.

[...] o olho se tornou humano, da mesma forma como o seu objeto se tornou um objeto social, humano, proveniente do homem para o homem. Por isso, imediatamente em sua práxis, os sentidos se tornaram teóricos. Relacionam-se com a coisa por querer a coisa, mas a coisa mesma é um comportamento humano objetivo consigo própria e com o homem, e vice-versa (Marx, 2009, p. 109, grifos do autor).

A partir do excerto acima, é possível observarmos saltos decisivos no desenvolvimento humano. A humanização do homem e de seus sentidos se deu, portanto, por meio das relações, ou seja, se efetivou a partir do desenvolvimento objetivo e subjetivo. Logo, foi pelo trabalho que os sentidos se humanizaram e deixaram “[...] de serem meramente naturais e biológicos para se tornarem humanos” (Vázquez, 2011, p. 72). Como afirmamos, o homem se constituiu/humanizou por meio da atividade do trabalho e das relações sociais estabelecidas a partir dele, ou seja “[...] a objetivação da essência humana, tanto do ponto de vista teórico

quanto prático, é necessária tanto para fazer humanos os sentidos do homem quanto para criar sentido humano correspondente à riqueza inteira do ser humano e natural” (Marx, 2009, p. 111, grifos do autor). O processo de objetivação possibilita mudanças em todo o percurso histórico do sujeito, inclusive o percurso intelectual.

Engels (1976) ressaltou, enfaticamente, o refinamento e a diferenciação daquilo que é exclusivamente humano. Com o desenvolvimento motor, se alterou a forma de perceber as coisas, houve refinamento qualitativo das interações humanas. Entendemos que o ser social se constituiu a partir da coletividade. O homem pensa, elabora e planeja antecipadamente sua ação de forma individual, mas também pensa a partir de sua formação coletiva. O trabalho, atividade criadora e essencial a qualquer tipo de sociedade, se construiu como elemento base e fundante no processo de criação de outros instrumentos, signos e códigos, proporciona novas capacidades intelectuais, como a criação e a imaginação humanas.

Embora não há nos escritos de Marx um pensamento estético articulado e sistematizado, há em sua obra, os alicerces para sua elaboração que, mais tarde, foi realizada por Lukács (2023) e objetivou caracterizar um pensamento estético marxista. É possível percebermos, a partir das análises realizadas, que em *Manuscritos Econômicos Filosóficos*, Marx (2009) discutiu a estética e a Arte, que para ele, estão associadas à atividade essencialmente humana, o trabalho. Isso porque “[...] foi Marx quem viu claramente a relação entre a arte e o trabalho através de sua natureza criadora comum [...]” (Vázquez, 2011, p. 42).

A partir da relação dialética entre homem e natureza, a evolução exigiu a necessidade de atividades mais elaboradas com a finalidade de suprir necessidades mais complexas nos homens, e assim:

tão somente o carecimento material, enquanto motor do processo de reprodução individual ou social, põe efetivamente em movimento o complexo do trabalho; e todas as mediações existem ontologicamente apenas em função da sua satisfação. O que não desmente o fato de que tal satisfação só possa ter lugar com a ajuda de uma cadeia de mediações, as quais transformam ininterruptamente tanto a natureza que circunda a sociedade, quanto os homens que nela atuam, as suas relações recíprocas etc. (Lukács, 1979, p. 5).

O homem extrai da natureza aquilo que necessita para se manter vivo e para sanar suas necessidades, como ser individual, mas também como pertencente ao gênero humano. A complexidade do homem e de suas relações fez com que fosse necessária a criação de novos complexos sociais, que superaram o biológico, e que estão associados a atividades intelectuais e abstratas. É justamente no segundo grupo que a Arte, linguagem, memória, criação e a imaginação se sustentam.

A Arte se constitui, portanto, como a objetivação do ser social, um reflexo da realidade, pois “a gênese da estética é um análogo da autoconsciência no que diz respeito à prática quotidiana, como a gênese da autoconsciência na independência da reflexão científica da realidade” (Lukács, 1982, p. 253, tradução nossa). A partir das corroborações de Lukács (1967, p. 539), entendemos que a Arte se afirma como fator fundamental no processo de afirmação/constituição do ser humano.

Todas las exigências formales de la estetica, previamente estudiadas, son simples condiciones que possibilitan el cumplimiento de la vivencialidad espontánea de esa profundísima aspiración de la humanidad: concocer a si misma, conocer su relacion con el mundo externo y consigo mismo, mediante um autoreflejo activo creador, em correspondência com la verdad; o sen: apropiarse la realidad, la própria esencia, como reproducción del mundo independizado en ser próprio.

Embora não seja o fim último, em seu bojo, a Arte carrega uma atividade formadora/criadora/humanizadora dos sentidos humanos. Com base na teoria Lukásiana, o sujeito não apenas se desenvolve na sua individualidade, mas como pertencente ao gênero humano, se situa como sujeito do processo sócio-histórico. Ao tomar consciência da realidade, o sujeito percebe que a realidade objetiva não é determinística, e com isso, compreende quais são os dispositivos que influenciam o seu agir político e ideológico.

Se partimos do princípio de que, como resultado do próprio modo de produção capitalista, há a produção e reprodução de fetiches, e se entendermos que a Arte se situa justamente na contraposição, isto é, no fortalecimento da *auto-consciência*, asseveramos que a Arte contribui com o fim da *alienação* e com o fim fetichismo que deforma e encobre a realidade. Sobre isso, Lukács (1967, p. 413), afirma que:

en la época de su dominio y su difusion general se utilizan en realidad como substitutivo de la confirmación artistica, porque su mera presencia suscita ilusiones de determinación estética que a menudo existe en absoluto. Pero, con mayor ou menor rapidez, aparecen luego outros fetiches en primer término, y el arte grande o vanguardista de ayer resulta hoy rigido, muerto y vacia.

A Arte produz dois sentidos: I. baseado na Arte como humanizadora dos sentidos humanos; II. e como produtora de fetichismos. A primeira assertiva de Lukács (1967) se relaciona com a segunda ao inferir que a Arte, assim como a realidade fetichizada, se deforma, se esvazia de conteúdo transformador/formador, e é transformada em algo que não é, em essência. Em resumo, a Arte tanto implica compreensão profunda da humanidade, liberta os sentidos humanos para a compreensão da realidade social, quanto produz mais estranhamentos ou alienações.

Para fundamentar essa discussão, estudamos os escritos de Lukács (2023) para entendermos a origem da Arte como construção social. Para Lukács (2023), é necessário revermos a objetivação humana que subjaz tanto nas ciências quanto na Arte. Embora afirme que Arte, Ciência e Religião “refletem a mesma realidade” (Lukács, 2023, p. 35), o autor percebeu que as objetivações humanas ocorriam por processos diferentes por meio das diferentes formas de conhecimento. Fundamentados nos escritos de Lukács (2023), entendemos que a Arte é instrumento para emancipação humana e atua na (des)fetichização da consciência, pois, observamos sua função emancipadora, justamente, na tomada de autoconsciência, na retomada da “essência” das coisas.

Na eficácia exercida por tais obras, desperta e se eleva a autoconsciência humana, a qual não está separada de uma maneira hostil do mundo exterior, mas antes significa uma relação mais rica e profunda de um mundo externo concebido com a riqueza e profundidade, do homem enquanto membro da sociedade, da classe, da nação (Lukács, 1982, p. 296).

Ao tomar consciência da realidade objetiva, o homem compreende e aprofunda seus conhecimentos acerca da objetividade. Isso significa que o homem passa a se perceber como pertencente ao gênero humano, não como sujeito apartado da história e da realidade, posto que “os reflexos científicos e estético da realidade objetiva são formas de reflexo cada vez mais diferenciadas que se constituem no decorrer do desenvolvimento histórico e encontram tanto sua base como sua realização plena e definitiva na própria vida” (Lukács, 2023, p. 174). Isto é, observamos que os reflexos da realidade surgem na interação entre o homem e o mundo exterior.

Por meio da Arte a humanidade se apropria e registra sua memória como *autoconsciência*, posto que, conforme Lukács (2023), revisita o passado, desvela aquilo que é essencial à vida, e alcança, com isso, sua condição de pertencimento ao gênero humano. A Arte, portanto, revela sua particularidade: o reflexo da realidade. As experiências estéticas advindas da Arte complexificam as relações humanas e constituem parte da totalidade/realidade social.

Diante do exposto, entendemos que todas as relações, inclusive o complexo da Arte, estão submetidas às leis e ao funcionamento do capital. Como supramencionamos, entendemos que a Arte produz conteúdo tanto humanizador quanto alienante, ou seja, encobre a realidade, sofre crescente processo de alienação. O conteúdo artístico obedece às leis do mercado e toda a criação é reflexo de uma necessidade exterior ao sujeito que cria. Assim, o desenvolvimento da sensibilidade estética, que se realiza sob a égide de um sistema desumanizante e baseado na exploração, não possibilita o alcance pleno de todos os sujeitos humanos às objetivações

superiores. Sobre essa compreensão da Arte, Vázquez (1978, p. 93) argumenta:

enquanto produz obra de arte destinada ao mercado que as absorve, o artista não pode deixar de atender às exigências deste, as quais afetam, em determinadas ocasiões, tanto o conteúdo como a forma da obra de arte, com o que se autolimita e, com frequência, nega suas possibilidades criadoras, sua individualidade.

As possibilidades criadoras, portanto, se limitam àquilo que é desejado pelos consumidores, o que resulta no comprometimento do conteúdo da obra que colabora com a efetiva compreensão da realidade objetiva, bem como, fetichiza ou encobre os acontecimentos históricos. Nesta direção, salientamos também a compreensão de Mészáros (2006, p. 188) ao afirmar que:

[...] quanto mais a produção for concebida e realizada como subordinada ao consumo individual, mais pobre ela está fadada a se tornar (movendo-se no círculo estrito de, talvez, uma meia dúzia de “bens de consumo” de massa). Por outro lado, quanto mais pobre se torna a produção, maior o empobrecimento humano, que por sua vez, tem seu efeito empobrecedor novamente sobre a produção – e assim por diante.

Em suma, a Arte, à medida que é subordinada às exigências do Capital, possibilita um desenvolvimento limitado, tanto do homem individualmente, quanto coletivamente. Quanto mais desprovido de conteúdo desenvolvente é o objeto artístico, mais falho e limitado é o desenvolvimento do homem. Esse desenvolvimento limitado reflete um ciclo permanente de empobrecimento que repercute, novamente, sobre a produção do artista, ou seja, criam tipos específicos de “Arte” e de “Cultura” a serem consumidos e que são determinados pelo Capital.

[...] do ponto de vista deste capitalismo voraz, é o homem engendrado por suas próprias relações; isto é, o homem despersonalizado, desumanizado, oco por dentro, esvaziado de seu conteúdo concreto e vivo, que pode se deixar modelar facilmente por qualquer manipulador de consciências; em suma, o homem-massa. Ora, qual é a arte, ou pseudo-arte, que este homem massa pode digerir ou consumir? Qual é a arte que o capitalismo, já em estado de decomposição, tem interesse em patrocinar fundamentalmente, sobretudo numa sociedade industrial e altamente desenvolvida de um ponto de vista técnico, na qual se dão as condições para estender e aprofundar o processo de despersonalização ou massificação? É precisamente a arte que podemos chamar, com toda propriedade, de arte de massas (Vázquez, 1978, p. 276).

A Arte (ou pseudo-arte) condicionada às determinações do Capital, do ponto de vista marxista, constitui sujeitos desumanizados, esvaziados de seu conteúdo, aparta/afasta os sujeitos da realidade, encobre a objetividade e não possibilita pleno desenvolvimento humano. Fundamentados nos estudos de Lukács (2023) compreendemos que a Arte consiste em reflexo da realidade, então, expõe a luta dos homens na história, por isso, ao possibilitar a reflexão

sobre as determinações sociais da vida concreta, reitera e reafirma a luta pelo comunismo, posto que, conforme Lukács (1967, p. 533), apenas uma sociedade comunista é capaz de envolver e incluir todos os homens e não apenas uma parte restrita de cidadãos considerados livres. Assim, entendemos a importância da Arte para a formação/construção de uma sociabilidade plenamente emancipada e que coloca fim a exploração do Capital sobre o trabalho.

Diante do exposto, compreendemos que a Arte pode exercer função relevante na superação de uma sociabilidade pautada na exploração do capital sobre o trabalho, ao promover a elevação qualitativa do psiquismo humano. Nessa perspectiva, a criação artística não apenas reflete a realidade objetiva, mas possibilita ao sujeito elaborar e expressar suas necessidades, emoções, afetos e experiências subjetivas.

É nessa direção que situamos a discussão do capítulo subsequente, cujo propósito central consiste em aprofundar o exame da Teoria das Emoções e enfatizar os modos pelos quais as emoções são expressas e manifestadas no processo criativo. Paralelamente, articulamos essas reflexões ao escopo desta pesquisa, em que investigamos as formas de expressão emocional de indivíduos em tratamento oncológico, além de investigar o processo de criação como meio de comunicação simbólica e elaboração psicoafetiva.

4 TEORIA DAS EMOÇÕES

Neste capítulo discutimos especialmente os aspectos que envolvem o desenvolvimento das emoções e a psicologia humana. Para isso, retomamos as discussões sobre a Arte como produto social que provoca alterações na psique, e conseqüentemente, na subjetividade do fruidor. Por isso, Vigotski (1999) supera o pensamento da Arte como contágio emocional. Pelo contrário, entende que suscita emoções e sentimentos diferentes em cada apreciador.

Vigotski (1999), em seus estudos, rejeitou quaisquer explicações que atribuem à Arte algum fundo religioso ou místico. Para ele, conforme expôs Bezerra (1999, p. 12), por combinar experiências da vida cotidiana com a percepção do produto cultural, a Arte não pode ter outra origem senão a de fruto da criação humana derivada do complexo do trabalho. Este postulado condiz com a tese de que atividade psíquica se dá no âmbito da atividade intersíquica.

Em suas investigações, Vigotski (1999, p. 304), divergiu, também, quanto à ideia da “*arte enquanto contágio*”. Conforme afirmou, a Arte vai além do simples contágio do momento. Ela não tem a função de alterar o humor dos sujeitos e, por isso, escreveu que: “a arte, deste modo, surge inicialmente como o mais forte instrumento na luta pela existência, e não se pode admitir nem a ideia de que o seu papel se reduza a comunicar sentimentos e que ela não implique nenhum poder sobre esse sentimento” (Vigotski, 1999, p. 310). O autor defende que a Arte não deve ser utilizada simplistamente, pelo contrário, uma de suas funções está na possibilidade de reorganização psíquica. Considerando a necessária relação existente entre Arte e imaginação, Vigotski (1999, p. 23) escreveu que “a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia”. A Arte, portanto, criada a partir das relações sociais, pode ser uma criação mais elaborada ou complexa a depender das relações sociais estabelecidas pelo sujeito criador:

e é essa possibilidade de superar na arte as maiores paixões que não encontrar vazão na vida normal o que, pelo visto, constitui o fundamento do campo biológico da arte. Todo o nosso comportamento não passa de um processo de equilíbrio do organismo com o meio. Quanto mais simples e elementares são as nossas relações com o meio, tanto mais elementar é transcorrer do nosso comportamento. Quanto mais complexa e delicada se torna a relação entre o organismo e o meio, tanto mais ziguezagueantes e confusos se tornam os processos de equilibração (Vigotski, 1999, p. 311).

Nesta perspectiva, à medida que são oferecidas condições de e para o desenvolvimento, as relações sociais e, em conseqüência, a Arte, propicia novas organizações e alterações

psíquicas que contribuem para o desenvolvimento de várias outras potencialidades humanas, sintetiza em si o conjunto das características humanas mais complexas e desenvolvidas. Conforme expôs Vigotski (2009, p. 19), cada período da infância possui sua forma característica de criação e conclui que: “não existe de modo isolado no comportamento humano, mas depende diretamente de outras formas de atividade, em particular do acúmulo de experiências”. Por isso, a primeira forma de relação entre imaginação e a realidade se forma no bojo das experiências anteriores do sujeito.

Dessa forma, situamos nossas discussões acerca da Teorias das Emoções balizadas no que Vigotski entende por Arte como promotora de desenvolvimento da consciência humana. Além dos fatores estéticos da obra de Arte que possibilitam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, ressaltamos que apreender as atribuições de um objeto artístico significa elevarmos a consciência a patamares cada vez mais complexos e desenvolvidos.

4.1 Contribuições da arte para o desenvolvimento psíquico

É comum nos campos da Educação e da Psicologia discursos que aproximam o desenvolvimento psicológico à aspectos biológicos e naturais, que asseveram que a formação do psiquismo se dá em virtude da maturação dos órgãos. Entretanto, para a Psicologia Histórico-Cultural, esse desenvolvimento é de ordem social e histórica e demarca contradições da materialidade. Isso significa que o grau de desenvolvimento psíquico depende, inclusive, da forma como determinada sociedade organiza o acesso à cultura e aos bens produzidos pela humanidade, e a posição que o sujeito ocupa nas relações sociais.

Leontiev (1978) inferiu que o homem é um ser qualitativamente superior aos animais, pois, embora sua origem esteja no mundo animal, desenvolveu funções específicas e exclusivamente humanas. Tal concepção reafirma a tese de que o homem possui natureza social e seu desenvolvimento ocorre no seio da cultura.

[...] o homem definitivamente formado possui já todas as propriedades biológicas necessárias ao seu desenvolvimento sócio-histórico ilimitado. Por outras palavras, a passagem do homem a uma vida em que a sua cultura é cada vez mais elevada não exige mudanças biológicas hereditárias. O homem e a humanidade libertaram-se, segundo a expressão de Vandel, do “despotismo da hereditariedade” e podem prosseguir o seu desenvolvimento num ritmo desconhecido no mundo animal. E, efetivamente, no decurso das quatro ou cinco dezenas de milênios que nos separam dos primeiros representantes do Homo sapiens, as condições históricas e o modo de vida dos homens sofreram, em ritmos sempre mais rápidos, mudanças sem precedente. Todavia, as particularidades biológicas da espécie não mudaram ou, mais exatamente, as suas modificações não saíram dos limites de variações reduzidas, sem alcance essencial nas condições da vida social (Leontiev, 1978, p. 2).

Engels (1876) inferiu que o homem, mesmo com sua origem animal, se distingue qualitativamente dos animais, isso ocorre em função da hominização que resultou em uma vida numa sociedade organizada, baseada, fundamentalmente, na atividade do trabalho⁷ (atividade que se postula a humanização do homem). Na qualidade de produto sócio-histórico, foi por meio da atividade do trabalho – atividade principal da produção e reprodução da humanidade – que se promoveu a transformação do ser orgânico em social. As transformações decorrentes do trabalho resultaram no complexo psiquismo humano que se caracteriza como imagem subjetiva da realidade concreta. Para Leontiev (2010, p. 190), a consciência humana é o “reflexo do mundo exterior”. Isso significa que o psiquismo humano deve ser concebido como formação, consequência da atividade que condiciona a consciência e que, por sua vez, a regula. Neste sentido,

o psiquismo humano tem sua natureza na atividade social, busca na visão materialista histórica dialética compreender as formas pelas quais o ser humano transforma seu modo de agir sobre a natureza, dominando-a e transformando-a por sua ação e, como consequência, altera seu modo de viver e de pensar (Mendonça, 2017, p. 46).

Para Mendonça (2017), ao organizar e sistematizar sua atividade, durante a produção e socialização do trabalho, o homem precisou se comunicar e partilhar suas tarefas com os demais de seu grupo, desse modo, contrário a ordem da natureza, o homem produziu meios que sinalizaram suas ideias e, por meio da instrumentalização simbólica, surgiu a complexa linguagem humana. Assim, a partir da incidência da atividade do trabalho sobre a natureza, houve a superação da base biológica e, assim, a atividade cultural ganhou espaço de forma a reconfigurar e especializar o cérebro humano. Com isso, consideramos que os sujeitos “instituem-se baseados no universo de objetivações disponibilizadas para cada indivíduo” (Martins, 2020, p. 14). Essa interação ocorre a partir de uma relação dialética, por meio da mediação de um sujeito que porta a cultura mais desenvolvida, isto é, ocorre por meio de processos educativos.

Se, por um lado, o patrimônio material e ideal coloca-se como produto da ação humana dado à apropriação, por outro e ao mesmo tempo, representa condição imprescindível ao processo de transformação de um ser hominizado – que dispõe de certas propriedades naturais filogeneticamente formadas em um ser humanizado, isto é, que se transforma por apropriação da cultura. É no bojo desse processo que o próprio homem se institui e, conseqüentemente, todas as suas propriedades resultam formadas na base do metabolismo que liga às condições objetivas de existência. Entre

⁷ “[...] categoria fundante do ser social, gênese sobre a qual se ergue, com as devidas mediações, a estrutura das diferentes formas de sociabilidade e constituição dos indivíduos humanos enquanto tais” (Lukács, 2014, p. 116).

tais propriedades, destacamos a própria qualidade de seu psiquismo como produto histórico-socialmente construído (Martins, 2020, p. 15).

O desenvolvimento qualitativo das funções psicológicas, no plano histórico, consiste na passagem das formas naturais de comportamento para as culturais; o homem domina as funções e seus usos se torna voluntários e conscientes e tudo isso ocorre a partir da influência dos instrumentos, dos signos. Neste sentido, as transformações nas formas de se relacionarem com o mundo e com as coisas, resultam de mudanças objetivas e psíquicas que ocorrem ao longo de toda a existência dos sujeitos. Essas mudanças ocorrem por meio da atividade principal que guia o desenvolvimento dos sujeitos em cada etapa da vida.

Vigotski (2009, p. 670), diferentemente de como compreendia a psicologia antiga, ao entender o desenvolvimento das funções psicológicas como resultado de uma soma mecânica de diferentes elementos que constituem o psiquismo humano, advogou na defesa de que a nova psicologia deveria se debruçar nos estudos do “todo e suas propriedades, que não podem ser isolados da soma das partes”. Isto é, o desenvolvimento psíquico deve ser estudado como conjunto/unidade, posto que “o todo e as partes se desenvolvem em paralelo e em conjunto” (Vigotski, 2009, p. 670), e, embora em momentos específicos, partes guiam o desenvolvimento e subordinam outras funções, possuem, entre as funções, relações interdependentes.

À luz desse pensamento, Martins (2020) afirmou que há uma diferença fundamental entre as propriedades psíquicas, posto que, uma decorre de processos biológicos e a outra é engendrada pela vida social: funções psíquicas elementares⁸ e funções psíquicas superiores⁹. Desta forma:

chamaremos as primeiras estruturas de primitivas; trata-se do todo psicológico natural, condicionado fundamentalmente pelas particularidades biológicas do psiquismo. As segundas, que surgem no processo de desenvolvimento cultural, chamaremos de estruturas superiores, uma vez que elas são uma forma superior e geneticamente mais complexa de comportamento (Vigotski, 2009, p. 670).

Nesta perspectiva, cabe ressaltarmos que a estrutura superior representa autodomínio dos processos de comportamentos.

Na estrutura superior o foco ou objetivo funcional determinante é o signo e seu modo

⁸Pautam as respostas imediatas aos estímulos e expressam uma relação fusional entre sujeito e objeto. Delas resultam os atos reflexos imediatos que, em certa medida, não diferenciam substancialmente a conduta humana da conduta dos demais animais, sobretudo dos animais superiores (Martins, 2020, p. 15).

⁹Não resultam formadas como cômputo de dispositivos biológicos hereditários, mas das transformações condicionadas pela atividade que sustenta a relação do indivíduo com seu entorno físico e social, ou seja, resultam engendradas pelo trabalho social (Martins, 2020, p. 15).

de utilização [...] a estrutura superior se distingue da inferior antes de tudo porque ela é um todo diferenciado, no qual cada parte desempenha funções distintas com base em ligações e interações funcionais duplas entre as funções (Vigotski, 2009, p. 672).

Com a complexificação da atividade do trabalho, o psiquismo do homem se requalificou, conferindo-lhe saltos qualitativos em seu desenvolvimento. Essa transformação e requalificação das funções psicológicas elementares em superiores, se constituíram por meio dos signos¹⁰. Estes, por sua vez, operam como símbolos de segunda ordem e certificam novas qualidades ao psiquismo humano. Porém, o processo de apropriação dos signos não acontece de forma natural e espontânea.

[...] o real significado do papel do signo na conduta humana só pode ser encontrado na função instrumental que assume. Por conseguinte, a proposição do ato instrumental como lastro do desenvolvimento do psiquismo humano desdobrou-se na concepção histórica-cultural de desenvolvimento como processo mediado e subjugado ao ensino (Martins, 2020, p. 16).

Vigotski (1996) expôs que os conceitos podem ser definidos como a capacidade de generalização, conceituação e qualificação das coisas. São representações do real, geralmente expressas por meio de signos específicos, as palavras, e que são determinados historicamente e culturalmente. O pensamento conceitual é definido como:

[...] o meio mais adequado para conhecer a realidade porque penetra na essência interna dos objetos, já que a natureza desses não se revela na contemplação direta de um ou outro objeto isoladamente, mas por meio de nexos e das relações que se manifestam na dinâmica do objeto, em seu desenvolvimento vinculado a todo o resto da realidade. O vínculo interno das coisas descobre-se com a ajuda do pensamento conceitual, já que elaborar um conceito sobre algum objeto significa descobrir uma série de nexos e relações do objeto dado com toda a realidade, significa incluí-lo no complexo sistema de fenômenos (Vigotski, 1996, p. 78, tradução nossa).

A apropriação do pensamento conceitual é a capacidade de conceituar, representar os fenômenos na consciência, e que acontece mediado pelo signo que nem sempre guarda uma relação direta com o objeto ou sentimento representado. Por isso, a apropriação dos sistemas conceituais implica mudanças de caráter qualitativo em todo o desenvolvimento dos sujeitos. Os estudos partilhados pela Psicologia Histórico-Cultural, conforme Asbahr (2020), inferem sobre a existência de dois sistemas de formação conceitual que, de forma dinâmica, possuem uma relação interdependente. O primeiro é baseado em atividades probabilísticas, de deduções. São os conceitos gerados nas experiências cotidianas dos sujeitos. O segundo é fundamentado

¹⁰Meios auxiliares para a solução de tarefas psicológicas (Martins, 2020, p. 16).

em conceitos clássicos, logicamente definidos, orientados e sistematizados.

O segundo sistema conceitual, que corresponde à construção dos conceitos científicos, nasce no interior da atividade de estudo. Em sua formação, participam todas as funções intelectuais inferiores em original combinação. Davidov (1988) explica que tanto para a Psicologia Histórico-Cultural, quanto para a Teoria da Atividade, o pensamento teórico, científico, é aquele que compreende os objetos por meio da análise de sua origem e desenvolvimento. Sminorv *et al* (1969, p. 241) escreve que “os conceitos são o produto superior do cérebro, que por sua vez é produto superior da matéria. O conceito é produto do reflexo no cérebro das qualidades gerais e essenciais dos objetos e fenômenos da realidade”.

Ressaltamos que Davidov (1982) diferencia o conteúdo abstrato no materialismo e na lógica formal, posto que, o conteúdo abstrato compreendido a partir do Materialismo Histórico-Dialético, não prevê a observação do concreto a partir de um objeto dissociado da realidade, em isolamento, e nem apenas como algo sensorialmente percebido/notado. Sob a perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético, Davidov (1982) se utiliza do texto de Marx *Para a Crítica da Economia Política* (1987) para explicar que “[...] a população é uma abstração, se desprezarmos, por exemplo, as classes que a compõe” (Marx, 1987, p. 16). Isso significa que o conceito de população só pode ser compreendido se considerarmos outros elementos que constituem essa categoria de análise. Apoiado nessa tese, Marx complementa que:

essas classes são, por sua vez, uma palavra sem sentido se ignoro os elementos sobre os quais repousam, por exemplo: trabalho assalariado, o capital etc. Esses supõem a troca, a divisão social do trabalho assalariado, o capital etc. O capital, por exemplo, não é nada sem trabalho assalariado, sem valor, dinheiro, preços etc. Se começasse, portanto, pela população, elaboraria uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais estrita, chegaria analiticamente, cada vez mais, a conceitos mais simples; do concreto representado chegaria a abstrações cada vez mais tênues, até alcançar as determinações mais simples [...] o concreto aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida (Marx, 2008, p. 258).

Neste excerto, Marx (2008) reflete sobre o concreto-dado e o concreto-determinado, isto é, entende que a realidade concreta constitui tanto o ponto de partida quanto o de chegada da análise. Em uma relação dialética, entre esses dois momentos, há o processo de abstração, por meio do qual a realidade é reconstituída pelo pensamento.

Com base no que expusemos, compreendem os que, diferentemente dos conceitos espontâneos que percorrem um caminho de “baixo para cima”, os conceitos científicos seguem o caminho inverso, isto é, um movimento de “cima para baixo”¹¹. Isso porque, este último é

¹¹ Sugere-se a leitura do texto *Pensamento e Linguagem* (Vigotski, 2008) para uma análise mais aprofundada sobre

apreendido pelos símbolos, signos, pelas generalizações teóricas abstratas. A base dos conceitos científicos são os conceitos espontâneos. À medida em que os conceitos científicos são apropriados pelos sujeitos, complexificam reconfiguram e ampliam os conceitos espontâneos.

Conforme mencionamos na seção anterior, com a complexificação do trabalho e do psiquismo humano, houve a exigência de participação e de interação de outras dimensões da vida, como a linguagem, o conhecimento, a Educação, a Arte, todas as áreas foram necessárias e têm seus fundamentos e suas origens na atividade do trabalho. Por entendermos que esses complexos (como a Educação) ou funções (como a linguagem) são de natureza social, a Arte tem sua origem na atividade psicossocial, isso porque está intrinsecamente relacionada à realidade objetiva e às relações sociais de épocas determinadas. De toda forma, embora guarde relações com o contexto histórico e social, a Arte não exprime a realidade fidedignamente, é representação do que é apreendido do mundo objetivo e fruto da ação imaginária e criativa que se transforma, posteriormente, em produto cultural.

Entendemos, portanto, que o trabalho complexificou a atividade do homem ao longo do seu desenvolvimento, fez com que ganhasse qualidades especificamente de uma atividade estética, e, portanto, a relação sujeito-objeto se deu a partir da vida material, da atividade do trabalho. Entendemos, nesse sentido, que a formação dos sentidos e das sensibilidades humanas é um processo dialético e histórico que está condicionado/subordinado às condições materiais de acesso/existência.

Portanto, entendemos que só é possível o desenvolvimento da sensibilidade estética se forem oportunizadas condições para que isso efetivamente ocorra. Deste modo, por compreendermos que a Arte significa a forma mais abstrata e de maior grau de elevação do psiquismo, organizamos essa pesquisa de modo a aproximar os pacientes do Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão à grandes produções artísticas, com a finalidade de instrumentalizá-los no momento de suas produções. Sobre a Arte e as funções psicológicas, entendemos que:

[...] objetiva sentimentos e outras potencialidades humanas. Ela é capaz de provocar alterações no **psiquismo** dos sujeitos. Ela propicia-lhe nova organização psíquica, o que possibilita a cada um a elevação à condição de indivíduo particular, organismo até certo ponto simplista e fruto da evolução natural, à de gênero humano universal. Neste caso, a arte encontra-se em condição de síntese entre biológico e o cultural, contendo em si o conjunto das características humanas mais complexas, construído ao longo da história por meio do trabalho e da atividade (Barroco e Superti, 2014, p. 23).

Tais considerações dialogam com o exposto anteriormente sobre a Arte cristalizar em si conjuntos de características e elementos humanos mais complexos: “[...] neste sentido, a arte pode ser entendida como produto cultural, mediador entre o indivíduo e o gênero humano. Ou seja, quem a produz nela cristaliza complexas atividades mentais, as quais podem ser apropriadas pelos demais seres humanos” (Vigotski, 2014, p. 23). Situamos nosso trabalho nessa direção, ao afirmar que o desenvolvimento do pensamento abstrato não ocorre natural e espontaneamente, mas por meio da interação com o outro, assim como aprender a apreciar uma obra de Arte também ocorre na interação com outro.

Na próxima seção discorreremos brevemente sobre emoções e sentimentos, e como a Arte pode suscitar e evocar tais funções psicológicas. Além disso, apresentamos a unidade afeto-cognição, com ênfase na imaginação, e como constituem a base do processo criativo.

4.2 Arte e emoção

Embora concordemos com a tese de Vigotski (1999) ao contrapor a ideia da Arte a serviço de algo, entendemos que, assim como outras atividades humanas, a Arte tem a função de satisfazer as necessidades humanas e sociais. Buscar compreender a relação existente entre Arte e Emoção, significa nos debruçarmos à compreensão da objetivação e dos efeitos que as Artes, especialmente as Artes Plásticas, suscitam a partir dos sentimentos estéticos. A Arte é um instrumento da sociedade que integra à vida social aspectos íntimos e subjetivos da humanidade.

Nesta seção discutimos os aspectos que envolvem o desenvolvimento das emoções em relação a Arte, especialmente as Artes Plásticas, e os aspectos que implicam relação psicológica entre o sujeito e a Arte. Para desenvolvermos esta seção, nos fundamentamos nos princípios da Psicologia Histórico-Cultural, posto que, conforme Barroco (2007), Vigotski prosperou nos estudos sobre a Arte e sobre a influência psicológica da Arte. Para Barroco (2007, p. 35), em 1920, Vigotski “apresentou aspectos de vanguarda nos estudos da Psicologia da Arte, ao reposicionar o artista, a obra e o fruidor/espectador num movimento dinâmico e dialético, imprimindo-lhes um caráter social”.

Para uma compreensão mais aprofundada sobre a relação entre Arte e Emoção, é imprescindível revisitarmos alguns fundamentos que orientaram esses estudos ao longo da história. No contexto dessas investigações, Vigotski, um dos principais pensadores da Psicologia do século XX, fez importantes contribuições no campo das emoções, especialmente em seu livro *Psicologia da Arte* (1999).

Durante o período de 1931 a 1933, Vigotski escreveu o importante texto *Teoria das Emoções*, em que desenvolveu argumentação potente sobre a origem social das emoções e dos sentimentos. Para o autor, tais fenômenos não são meras reações biológicas ou individuais, mas resultados de dinâmicas/relações sociais, adaptadas por interações interpessoais, necessidades coletivas e, de maneira expressiva, pelas relações de classe. Essa abordagem permitiu que Vigotski evidenciasse as contradições da realidade objetiva, reconhecesse as emoções não apenas uma resposta subjetiva, mas expressão das tensões e das desigualdades sociais presentes na objetividade.

Em suas enunciações, as emoções são vistas como reflexo das condições sociais e culturais, funcionam como meio para a expressão de processos históricos e sociais, manifestados, muitas vezes, em formas artísticas que, por sua vez, oferecem oportunidade para a compreensão da complexidade da experiência humana. Esse entendimento, ampliou a análise de Vigotski (2009), destacou seu impacto na teoria das emoções e a inter-relação entre Arte, emoção e as problemáticas sociais, e contextualizou, de modo mais aprofundado, a argumentação de que as emoções não são apenas fenômenos individuais, mas construções sociais e culturais.

Concordamos com a proposta de Smirnov (1969), que realizou uma distinção fundamental entre os conceitos de emoções e sentimentos. Embora as emoções estejam mais relacionadas a satisfações orgânicas, imediatas e diretas do organismo, os sentimentos, por sua vez, estão associados às necessidades culturais sociais. Smirnov (1969), na mesma linha de raciocínio, argumenta que, enquanto as emoções são percebidas como respostas mais imediatas e instintivas, os sentimentos são construções subjetivas e complexas, permeadas por influências sociais e culturais. No entanto, as emoções, por mais que tenham base biológica, não são isoladas ou construções individuais. As emoções são, de fato, características inerentes a um ser social.

Em outras palavras, as emoções não são apenas reações orgânicas, pois, estão profundamente imersas nas experiências sociais e culturais de determinado contexto. Portanto, as emoções são sempre moldadas pelas interações entre o indivíduo e a sociedade, refletem as condições socioeconômicas, normas culturais e influências históricas. Isso implica manifestações emocionais que não são plenamente compreendidas sem considerarmos aspectos coletivos que configuram as experiências humanas, o que as torna, em última instância, fenômenos sociais e marcados historicamente.

Smirnov (1969) destaca que, para Vigotski, as emoções e os sentimentos mais complexos possuem dimensão histórica e social. Isso significa que essas funções não são

estáticas, mas dinâmicas, e se transformam ao longo do tempo, em consonância com o desenvolvimento histórico e social da humanidade. As emoções e sentimentos, longe de serem aculturais e atemporais, estão sujeitas às modificações impostas pelas mudanças nas estruturas sociais, culturais e econômicas de diferentes contextos históricos. Portanto, aquilo que, em um dado momento, provoca algum tipo de sentimento em indivíduos pertencentes a uma determinada classe social, é radicalmente alterado quando analisado sob a ótica de outro contexto histórico.

Os sentimentos e as emoções não são meras respostas orgânicas, mas fenômenos intimamente relacionados ao percurso histórico das sociedades e com as transformações que essas sociedades experimentam ao longo do tempo. De forma complementar, tanto as emoções quanto os sentimentos estão inter-relacionados às experiências vividas pelo sujeito, à posição social que ocupa e ao processo de psicoeducação, que abarca os modos de socialização, os valores culturais e as normativas psicológicas a que o indivíduo está exposto/inserido. A compreensão das emoções e sentimentos, desta forma, exige análise das condições históricas, sociais e educacionais em que o sujeito se constrói, além de sua experiência emocional (Smirnov, 1969).

Smirnov (1969) assinala que em cada situação social, as manifestações dos sentimentos e das emoções assumem formas diferentes e específicas, influenciadas pelos contextos históricos, culturais e estruturais que definem cada tipo de sociedade. A organização e o funcionamento de uma sociedade exercem influência significativa sobre a convivência social, por exemplo, em relação à valores morais. Esses sentimentos não surgem isoladamente ou aleatoriamente, mas são modelados pela maneira como as sociedades estruturam suas interações. Tais assertivas reafirmam a tese central de que as emoções e os sentimentos não são fenômenos individuais ou naturais, como enunciados anteriormente, mas em grande parte, são produto das experiências interpessoais e sociais que os sujeitos vivenciam ao longo de suas trajetórias de desenvolvimento.

O processo de socialização, as dinâmicas familiares, educacionais e culturais, e a natureza das relações que o indivíduo estabelece ao longo de sua vida são determinantes para a formação dos sentimentos e das emoções. Dependendo da qualidade, diversidade e intensidade dessas experiências, o sujeito enriquece ou, por vezes, empobrece suas experiências emocionais. Assim, portanto, a qualidade das experiências emocionais de um indivíduo é proporcional ao nível de riqueza social e emocional que experimenta durante o processo de desenvolvimento, este último é reflexo das condições e das contradições sociais e culturais em que está inserido (Smirnov, 1969).

À luz das concepções que anteriormente expusemos, evidenciamos que Vigotski compreendeu os sentimentos e as emoções em unidade, entendeu o campo biológico e o campo social como complementares. Embora estudiosos da Psicologia Histórico-Cultural reconheçam a validade das respostas instintivas e biológicas, não as consideram suficientes para a compreensão dos fenômenos emocionais, que são mais complexos que as respostas orgânicas. As reações emocionais não podem ser reduzidas a impulsos instintivos, mas devem ser compreendidas como processos imersos e influenciados por contextos sociais e históricos. Ao ser mediada por signos, como as palavras ou gestos, a emoção se expande no campo da intersubjetividade, consolida-se como fenômeno social, alicerçado pela linguagem e pelas interações humanas. A partir desse processo de mediação simbólica, a emoção se transforma, consolida-se como fenômeno profundamente social, que não só reflete, mas é constituído pelas interações humanas, pela linguagem e pelas dinâmicas culturais. A emoção não é uma manifestação isolada de processos internos, mas se configura como construção social, dinâmica e interdependente, cujas manifestações são sempre permeadas pelos contextos culturais e históricos em que estão inseridas (Smirnov, 1969).

Realizada a distinção entre sentimento e emoção e reafirmado o caráter social na constituição e desenvolvimento das duas funções, Vigotski (1999) compreendeu a Arte como forma de expressão, qualificação do psiquismo e reelaboração emocional. Tal entendimento inaugurou uma nova abordagem para a Psicologia sobre a compreensão do desenvolvimento humano. No âmbito da Psicologia Histórico-Cultural, o objeto de estudo da Psicologia da Arte não se limita aos preceitos individualistas de quem cria ou usufrui da obra de Arte, conforme acreditavam seus antecessores ao estudar sobre a Arte. Para Vigotski (1999) trata-se da análise da estrutura psicológica da obra de Arte e de como infere no desenvolvimento humano.

Partimos do princípio da complexidade existente entre Arte e Emoção, ao observarmos que a Arte não tem a função de alterar o humor dos sujeitos, não deve ser considerada de modo simplório ou reduzido a comunicação de sentimentos. Contudo, embora entendamos que a Arte não deve ser analisada apenas como objeto de ou para algo, percebemos que atua como complexo de elevação do psiquismo e é compreendida a partir da unidade afetivo-cognitivo.

No livro *Psicologia da Arte*, desdobramento de sua tese elaborada na década de 1920, mas publicada somente em 1960, na extinta União Soviética, e em 1999, no Brasil, Vigotski (1999) teceu críticas a intelectuais quanto à compreensão dos efeitos da Arte na psique humana, desta forma, postulou que quanto maior o dispêndio/gasto de energia necessário para comoção, maior será o efeito emotivo da Arte. Para o intelectual, “no que se refere à arte, aqui domina exatamente a lei inversa do dispêndio e gasto de descarga de energia nervosa, e nós sabemos

que quanto maiores são esse dispêndio e essa descarga tanto maior é a comoção causada pela arte” (Vigotski, 1999, p. 257). Essa constatação reafirma umas das discussões centrais na teoria Vigotskiana no que concerne à unidade *afetiva X cognitiva*, que são indissociáveis.

Vigotski (1999) organizou constructos teóricos num todo coerente, e inferiu que as tentativas anteriores de explicação do sentimento estético não eram suficientes para elucidar a relação interna entre sentimento e os objetos, por isso Vigotski (1999, p. 263) buscou em “em sistemas psicológicos que baseiam suas interpretações na relação existente entre fantasia e sentimento”, reafirmar a unidade entre sentimento e contemplação, características que constituem a reação estética. Isso significa que as emoções suscitadas pela Arte são emoções inteligentes, por isso “resolvem-se principalmente em imagens de fantasia” (Vigotski, 1999, p. 267).

Em *Imaginação e Criação na Infância* Vigotski (2018) versou sobre alguns aspectos da atividade humana e seus dois tipos de atividade: 1. atividade reprodutiva e 2. atividade criadora (sendo que a segunda se fundamenta na primeira). Consideramos que a atividade criadora, concebida como processo fundamentalmente social, desempenha função central na construção das possibilidades humanas de ser, existir e atuar no mundo. Para Vigotski (2018) a imaginação é o fundamento de toda atividade criadora e se manifesta em todos os campos da vida cultural.

Chamamos atividade criadora do homem àquela em que se cria algo novo. Pouco importa se o que se cria seja algum objeto do mundo externo ou uma construção da mente ou do sentimento, conhecida apenas pela pessoa em que essa construção habita e se manifesta (Vigotski, 2018, p. 14).

A atividade criadora, portanto, está intimamente relacionada à condição de criação, de elaboração de algo novo. Concernente a outro aspecto da vida, a atividade reprodutiva relaciona-se aos meios de condutas elaborados anteriormente. Nesta última, “nada se cria de novo e sua base é a repetição mais ou menos precisa daquilo que existiu” (Vigotski, 2018, p. 14), isso porque nosso cérebro conserva as experiências anteriores. Entretanto, ressaltamos que, de acordo com os princípios da PHC, é a atividade criadora que permite ao sujeito pensar e se projetar no futuro.

Vigotski (2018) discordou da concepção de que a atividade criadora se restringe à elaboração de produções culturais grandiosas ou mais populares, atribuída exclusivamente a sujeitos dotados de habilidades extraordinárias – concepção, que embora questionada, persiste em determinados imaginários. Vigotski (2018, p. 16) conferiu centralidade ao “trabalho criador anônimo e coletivo de inventores desconhecidos”, e compreendeu que a criação constitui, na

cotidianidade, condição fundamental para a existência de qualquer sociedade, e argumentou que “a criação, na verdade, não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas por toda parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo” (Vigotski, 2009, p. 15).

Vigotski (2018, p. 16) além de inferir que toda a produção cultural, científica e artística tem sua origem na vida social, expôs que imaginação é concebida como fundamento de toda atividade criadora e evidenciada em todos os campos da atividade cultural dos sujeitos, assim, “[...] necessariamente, tudo que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia”. Depreendemos que a base da criação é a imaginação e essa função adquire um importante compromisso no curso do desenvolvimento do sujeito, isso porque:

ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de uma pessoa porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ela pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua própria experiência. A pessoa não se restringe ao círculo e a limites estreitos de sua experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando a experiência histórica ou social alheias com a ajuda da imaginação. Assim configurada, a imaginação é uma condição totalmente necessária para quase toda atividade mental humana (Vigotski, 2018, p. 27).

E conclui que:

[...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para sua imaginação (Vigotski, 2018, p. 24).

Ao reconhecermos que a atividade criadora tem como fundamento a imaginação, e que todas as funções psicológicas – embora possam, em determinados momentos do desenvolvimento, subordinar-se umas às outras – desenvolvem como partes constitutivas de um sistema funcional unificado e dinâmico, reforçamos a função interdependente dessas funções. O grau de operacionalidade e de desenvolvimento de cada função psíquica está, portanto, condicionado às demais funções. A partir dessa concepção, compreendemos que a relação entre fantasia e realidade constitui a expressão inicial de inter-relação entre imaginação e experiência objetiva.

A fantasia não se opõe à memória, mas apoia-se nela e dispõe de seus dados em combinações cada vez mais novas. A atividade combinatória do cérebro baseia-se, em última instância, no mesmo processo pelo qual os traços de excitações anteriores são neles conservados. A novidade dessa função encontra-se no fato de que, dispondo

dos traços das excitações anteriores, o cérebro combina-os de um modo não encontrado na experiência real (Vigotski, 2018, p. 25).

Entendemos, portanto, que fantasia não é contrária à memória. Pelo contrário, depende da memória. A fantasia se apropria desses dados (as lembranças, as experiências guardadas) e as reorganiza de maneiras diferentes e cria coisas novas. Esse excerto evidencia a capacidade do cérebro de criar combinações (fantasiar, imaginar) como base no mesmo processo que lhe permite guardar memórias de experiências vividas anteriormente.

Vigotski (2018) infere que a segunda forma de relação entre fantasia e realidade se apresenta como mais complexa, posto que envolve níveis mais elevados de consciência. Diferentemente da primeira forma, essa relação não trata da comparação direta entre partes da fantasia e partes da realidade, ou seja, não analisa como elementos individuais/isolados da imaginação se relacionam ao que existe, mas sua delimitação está no resultado da fantasia (a ideia ou criação final que o indivíduo imaginou) e como esse produto se relaciona com algum fenômeno real. O autor assevera que “a segunda forma de relação entre fantasia e realidade é diferente, mais complexa e não diz respeito à articulação entre os elementos da construção fantástica e a realidade, mas entre o produto final da fantasia e um fenômeno complexo da realidade” (Vigotski, 2018, p. 25). Essa forma de relação entre fantasia e realidade consiste na reelaboração e na modificação dos elementos que são exauridos da realidade.

A terceira forma de relação entre imaginação e realidade, é a de cunho emocional. Para Vigotski (2018, p. 28) essa forma se manifesta:

[...] qualquer sentimento, qualquer emoção tende a se encarnar em imagens conhecidas correspondentes a esse sentimento. Assim, a emoção parece possuir capacidade de selecionar impressões, ideias e imagens consonantes com o ânimo que nos domina num determinado instante [...] as imagens e as fantasias propiciam uma língua interna para o nosso sentimento. O sentimento seleciona elementos isolados da realidade, combinando-os numa relação que se determina internamente pelo nosso ânimo, e não externamente, conforme a lógica das imagens.

Isso significa que aquilo que é sentido pelo sujeito cria conteúdo em sua imaginação, o que é sentido, portanto, influencia a forma como observamos a realidade e imaginamos o mundo, por isso entendemos que “toda as formas de imaginação criativa contêm em si elementos afetivos” (Vigotski, 2018, 30). Ou seja, quaisquer conteúdos da nossa fantasia provocarão sentimentos, e mesmo que não representem fidedignamente a realidade, os sentimentos que são provocados nos sujeitos são verdadeiros, ou seja, realmente vivenciados, por isso “é precisamente essa lei psicológica que pode nos explicar porque as obras de arte, criadas pela fantasia de seus autores, exercem uma ação bastante forte em nós” (Vigotski, 2018,

p. 30). Isso ocorre porque as emoções e os sentimentos que são provocados a partir de determinados conteúdos, constituem um complexo de vivências.

A quarta e última forma de relação entre fantasia e realidade, é a concepção de que a fantasia pode se diferenciar substancialmente da realidade. Pode significar algo completamente novo e que não tenha quaisquer correspondências com algo ou algum fenômeno que tenha existido objetivamente (Vigotski, 2018). No entanto, ao adquirir materialidade, ou seja, ao existir no mundo objetivamente, “essa imaginação ‘cristalizada’”, que se fez objeto, começa a existir realmente no mundo e a influir sobre outras coisas. O conteúdo que é dado na imaginação se torna real. Existe na objetividade da vida.

Os elementos de que são construídos foram hauridos da realidade pela pessoa, internamente, em seu pensamento foram submetidos a uma complexa reelaboração, transformando-se em produtos da imaginação. Finalmente, ao se encarnarem, retornam à realidade como uma nova força ativa que a modifica. Assim é o círculo completo da atividade criativa da imaginação (Vigotski, 2018, p. 31).

Ao vivenciar experiências, o sujeito se apropria de elementos da realidade que posteriormente são reorganizados e transformados intrapsiquicamente. Isso não acontece de forma simples ou mecânica, o processo envolve reelaboração complexa, em que as experiências ganham novos sentidos e significados. Essas modificações originam novas configurações, imagens criativas e produções artísticas que, em um segundo momento, podem ser reincorporadas no mundo como expressões da realidade. Essa possibilidade se apresenta tanto no domínio técnico das criações quanto no campo da imaginação emocional, uma vez que, assim como a função intelectual se constitui elemento essencial no processo de criação, a dimensão emocional revela-se igualmente necessária e confere grau maior de complexidade ao processo de criação.

Tais considerações dialogam com nossos estudos, uma vez que objetivamos favorecer que pacientes oncológicos elaborassem conteúdos expressivos de suas vivências e emoções. Trata-se de uma criação não enviesada pela perspectiva dos pesquisadores, mas centrada nas experiências, emoções e sentimentos dos participantes da pesquisa. Entendemos que a atividade criadora de combinação¹² depende do acúmulo de experiências do sujeito e se “constrói sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa” (Vigotski,

¹²Chamamos atividade criadora do homem àquela em que se cria algo novo. Pouco importa o que se cria seja algum objeto do mundo externo ou uma construção da mente ou do sentimento, conhecida apenas pela pessoa em que essa construção habita e se manifesta [...] está intimamente ligada à memória; sua essência consiste em repetir meios de conduta anteriormente criados e elaborados ou ressuscitar marcas de impressões precedentes (Vigotski, 2018, p. 13).

2018, p. 22).

A partir do que propõem os estudiosos da Psicologia Histórico-Cultural, para o desenvolvimento deste estudo, quando nos apresentamos aos pacientes do Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão, os instrumentalizamos sobre como seria a produção das telas. Informamos, brevemente, sobre como é o uso dos pincéis, tintas, misturas das cores, entre outras informações. Este primeiro contato, com função de conhecermos os participantes e instruímos na produção das telas, se deu em razão de entendermos que a imaginação constrói/produz a partir de elementos hauridos da realidade, portanto, julgamos necessária a ampliação do acesso às experiências culturais pois desejamos a construção de bases para que houvesse atividade criadora.

Assentados nas considerações anteriores, analisamos como e quais emoções são expressas nessas produções. Isso porque, para Vigotski (1999), a criação pode atuar como elevação do psiquismo, e não como mero contágio ou apenas função de entretenimento. Sobre isso, Toassa (2009, p. 99) versa que Vigotski:

[...] nega as teorias que reduzem a arte à sensação ou à emoção comum. Admite, ainda, a existência de emoções desencadeadas por fatos que não dependem meramente do estímulo perceptual – diferindo, neste ponto, das emoções animais. Temos, aí, um antecedente histórico para sua dura crítica às psicologias que adotavam o binômio estímulo-reação como paradigma de pesquisa da psicologia humana.

Vigotski (1999), portanto, contraria a compreensão de que a Arte tem função de entreter ou de produzir emoções comuns, pelo contrário, produz funções psicológicas, eleva e requalifica o psiquismo humano, isso porque a imaginação do criador ou do sujeito que aprecia realiza combinações com elementos do exterior, da realidade.

A partir das observações da tela, percebemos que os pacientes que estão em tratamento contra o câncer manifestam diferentes emoções sobre suas vivências, pois, percebemos tanto em suas falas, quanto durante a entrevista semiestruturada que realizamos durante o desenvolvimento de nossa pesquisa. A paciente B, em suas falas, relatou estar apreensiva em relação ao tratamento, do medo que sentiu quando recebeu o diagnóstico, dos momentos de tristezas e angústias profundas vivenciadas durante o processo. Percebemos que essas emoções são oriundas de vivência muito particulares, pois, depreendemos que cada sujeito tende a concebê-las/percebê-las de modo específico. As emoções, portanto, medeiam a experiência do sujeito e como são abstraídas.

Se tomarmos o pensamento realista de um revolucionário, que reflete sobre uma

complicada situação política ou a estuda, que penetra nela, em suma, se tomarmos o pensamento orientado para a resolução de uma tarefa de importância vital para o indivíduo, veremos que as emoções relacionadas com tal pensamento realista são, com muita frequência, incomensuravelmente mais profundas, mais fortes, mais móveis e mais significativas no sistema do pensamento do que as emoções relacionadas com as visões. O importante aqui é outro procedimento de união dos processos emocionais com o pensamento (Vigotski, 1998, p. 126).

A partir do que expusemos, verificamos a unidade indissociável entre afeto e cognição, e reafirmamos a tese de Vigotski, adotada no livro *Teoria das Emoções*, sobre possuírem relação interdependente, e não de sobreposição. Para Vigotski (1998) a emoção está diretamente relacionada a outras funções e fenômenos psicológicos como a imaginação, o pensamento e a linguagem. A emoção, portanto, assume a função de criar vínculos entre a realidade e a forma como são experienciados pelos sujeitos.

Vigotski (1998) pontuou que as emoções são uma função psicológica superior, por isso, culturalizada, pode ser desenvolvida, qualificada, transformada, modificada e construída. Ao encontro deste pensamento, Smirnov (1969) alertou que a maneira como reagimos às coisas, pessoas, situações, são frutos das nossas vivências e modelam nossa personalidade. Para Smirnov (1969), a maneira como os sujeitos reagem às coisas é influenciada por sentimentos e emoções. O autor russo, portanto, corrobora a tese proposta por Vigotski (1998) ao asseverar que, embora a forma como o sujeito vivencia e sente determinado fenômeno seja demarcada pela subjetividade, essa experiência tem origem na realidade objetiva e material, sustentada nas relações sociais e culturais. Assim, reafirma o caráter subjetivo da emoção, mas também da objetividade/materialidade que tem em sua gênese.

À luz do que expusemos entendemos que a criação artística se alicerça na atividade imaginativa, e que as formas de reação dos sujeitos diante de eventos, vivências e experiências têm origem nas relações sociais, posteriormente elaboradas subjetivamente. A forma como os sujeitos experienciam e vivenciam determinadas situações é sempre única e particular, embora as interpretações individuais sejam atravessadas por dimensões tanto coletivas quanto particulares.

Partindo dessa concepção, propomos, na próxima seção, uma revisão de literatura sobre Arte, câncer e emancipação humana, com base nos principais conceitos da Psicologia Histórico-Cultural. Discutimos como a Arte pode favorecer a emancipação universal, compreendida como a forma de emancipação necessária a todas as pessoas.

5 EMOÇÕES EXPRESSAS POR PESSOAS EM TRATAMENTO CONTRA O CÂNCER: ANÁLISE DA FUNÇÃO HUMANIZADORA DA ARTE

Nesta seção descrevemos emoções expressas em Arte Plástica por pessoas em tratamento contra o câncer no Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão-Pr. Para isso apresentamos, primeiramente, revisão bibliográfica que realizamos sobre os descritores/categorias “Arte”, “emancipação humana” e “câncer”. Em um primeiro levantamento que realizamos no Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (Oasis-Br) e na biblioteca *on-line* de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) identificamos artigos, dissertações e teses, que de um modo ou outro, tratam de nossa temática de pesquisa. Após as leituras dos resumos, avaliamos aqueles que compuseram nossa pesquisa bibliográfica sobre o tema em estudo.

O projeto de pesquisa intitulado “*Análise da função emancipadora da arte para expressão das emoções humanas*” foi desenvolvido junto a pacientes da ala de oncologia do Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão-Paraná. Esse hospital é localizado na Rodovia-Pr, número 558, quilômetro 5, CEP 87.302-215. A Santa Casa esteve sob intervenção e responsabilidade de Sérgio Henrique dos Santos no período de 10 de fevereiro de 2024 a 9 de fevereiro de 2025, conforme o Decreto n.º 10.808, de 9 de fevereiro de 2024.

Após termos contactado a equipe gestora do hospital e identificado algumas características relacionadas a nosso projeto de estudo e pesquisa, elaboramos os documentos, com ciência e consentimento da equipe gestora, ao Comitê de Ética da Universidade Estadual do Paraná, por meio da Plataforma Brasil. Após esse envio inicial, os documentos passaram por sucessivas revisões e ajustes. Na terceira devolução, reestruturamos o material buscando maior probabilidade de aprovação.

Após essa reestruturação de todos os documentos, inclusive do projeto de pesquisa, esses foram avaliados pela equipe de profissionais que compõem o Comitê de Ética da Universidade Estadual do Paraná e foram aprovados e referidos sobre o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética n.º 82603724.1.0000.9247 (Apêndice I). Foram aprovados por esse Comitê: o Roteiro do Projeto de Pesquisa (Apêndice II); os questionários (e suas distintas etapas) (Apêndice III); o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice IV); o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz (Apêndice V); o Termo de Ciência do Responsável pelo Campo de Estudo (Apêndice VI); e, o Termo de Compromisso de Utilização

de Dados (Apêndice VII).

O Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão, localizado neste município congrega este e outros 25 municípios que integram a Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão (COMCAM): Altamira do Paraná, Araruna, Barbosa Ferraz, Boa Esperança, Campina da Lagoa, Corumbataí do Sul, Engenheiro Beltrão, Farol, Fênix, Goioerê, Iretama, Janiópolis, Juranda, Luiziania, Mamborê, Moreira Sales, Nova Cantu, Peabiru, Quarto Centenário, Quinta do Sol, Rancho Alegre d' Oeste, Roncador, Terra Boa e Ubiratã. O Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão foi inaugurado em 27 de novembro de 2002 com investimentos dos governos municipal, estadual e federal. Essa Santa Casa (2025):

[...] oferece serviços médicos hospitalares em nível de grandes centros: em pediatria, ortopedia, maternidade, partos de alto risco, UTI adulto, UTI pediátrica, UTI Neonatal, centro cirúrgico que disponibiliza 09 salas cirúrgicas, internações clínicas, internações cirúrgicas, exames laboratoriais, apoio diagnóstico por imagem e farmácia.

Em 11 de março de 2024, em reunião a Comissão Deliberativa Técnica da Intervenção no Hospital Santa Casa de Campo Mourão, com objetivo de registrar formalmente o estado do hospital quanto a gestão de recursos humanos, financeiros e operacionais e caracterizar medidas administrativas para a regularização e adequação dos serviços médicos-hospitalares, registrou importantes informações em Ata de Acompanhamento acerca da composição e funcionamento deste hospital. Dentre tais informações, identificamos “com relação ao corpo clínico, a entidade possui cerca de 100 profissionais médicos que prestam serviços e realizam plantões, com custo mensal de aproximadamente R\$ 1.300.00,00 (um milhão e trezentos mil reais)” (Santa Casa, 2024a, p. 1).

De acordo com o documento *Demonstrações financeiras em 31 de dezembro de 2023*, a Santa Casa é referência para os municípios da COMCAM e abrange “[...] uma população de mais de 330 mil habitantes, com atendimentos mensais em média de 6,5 mil pessoas, considerando atendimentos ambulatoriais e internamentos, por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) e mediante serviços particulares, além de convênios de saúde suplementar” (Santa Casa, 2023, p. 14). Para efetivação do direito à Saúde a população da COMCAM, por meio do SUS, a Santa Casa (2023, p. 14):

[...] conta com um quadro funcional de aproximadamente 597 funcionários com vínculo celetista distribuídos nos setores assistenciais, administrativos e de apoio, além de um corpo clínico de cerca de 100 profissionais médicos, prestando serviços de assistência em Unidade de Alta Complexidade em Oncologia - UNACON, com serviços de radioterapia e quimioterapia, Gestão de Alto Risco, Terapia Intensiva

Neonatal/Pediátrica e Tratamento para Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST/HIV; além de serviços de Pronto Atendimento em Urgência e Emergência.

No documento a que nos referimos, a gestão da Santa Casa assevera que este hospital apresenta grande crescimento estrutural por meio da abertura de novos serviços médico-hospitalares e do incremento da qualidade da prestação de serviços. Na *Ata de Acompanhamento: intervenção no Hospital Santa Casa de Campo Mourão*, a diretoria temporária ao expor a situação atual deste hospital, especificamente, acerca da Assistência à Saúde, setor de Clínica Médica e Clínica Oncológica, constatou que, no momento da intervenção:

o setor de clínica médica estava absorvendo todos pacientes, inclusive os pacientes oncológicos, situação que não era a mais adequada, do ponto de vista assistencial, uma vez que os pacientes oncológicos geralmente se encontram em uma situação mais fragilizada, física e emocionalmente, de modo que a manutenção de todos os pacientes em conjunto era prejudicial para ambos os lados (Santa Casa, 2024b, p. 15).

De acordo com a Comissão Deliberativa Técnica da Intervenção no Hospital Santa Casa de Campo Mourão o Centro Regional de Oncologia e Hematologia de Campo Mourão LTDA (INCAM) é uma empresa terceirizada que administra o setor de oncologia em contrato firmado por período de 20 (vinte) anos, que, finalizou em 31 de maio de 2024. No dia 1 de junho de 2024 esse serviço foi incorporado pela Santa Casa, ou seja, este hospital passou a prestar atendimentos em quimioterapia, radioterapia e cirurgias oncológicas necessárias.

Como notamos, o Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão, criado em 15 de janeiro de 1955 (Santa Casa, 2023, p. 13), presta, portanto, serviços públicos de saúde a mais de 70 anos. Ao longo de todos esses anos a Santa Casa de Campo Mourão é uma associação civil com personalidade jurídica de direito privado com caráter beneficente e filantrópico sem fins lucrativos. No decorrer desses 70 anos, significativas dificuldades financeiras, administrativas e de pessoal foram geridas pelas equipes gestoras do hospital. Contudo, apesar da falta de recursos e das problemáticas dele derivadas, a Santa Casa oferta, desde 2002 tratamento contra o câncer para a população de residentes da COMCAM.

Em consideração ao fato de que o Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão é o único hospital da região que oferta tratamento oncológico, optamos por desenvolver nossa pesquisa e estudo junto às pessoas em tratamento contra o câncer no âmbito deste hospital. Assim, após termos revisitado estudos tão significativos como aqueles compreendidos pelo Materialismo Histórico-Dialético e pela Psicologia Histórico-Cultural, na próxima subseção abordamos sobre experiências estéticas durante o enfrentamento do câncer em revisão

teórica sobre Arte e Emancipação Humana.

5.1 Experiências estéticas durante o enfrentamento ao câncer: uma breve revisão teórica sobre Arte e emancipação humana

Nesta seção propomos uma breve revisão de literatura que articula eixos centrais: Arte, o câncer e a categoria de emancipação humana, compreendida como condição fundamental para o pleno desenvolvimento dos sujeitos. O objetivo central desta subseção é estabelecer uma base para a análise e descrição das telas pintadas pelos participantes da pesquisa, a fim de demonstrarmos como esses elementos se inter-relacionam no contexto da experiência humana e da criação.

Como resultados das revisões bibliográficas que realizamos nas páginas de bibliotecas *on-line*, apresentamos, nesta subseção, algumas análises que compuseram reflexão sobre nossa temática de estudo. Na biblioteca *on-line* Oasis-Br pesquisamos em busca avançada os conceitos/descriptores “Arte” e “emancipação humana” e obtivemos como resultado 4 (quatro) ocorrências. Na biblioteca *on-line* do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), os conceitos de “Arte” e “câncer” obtivemos 4 (quatro) resultados. E, no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sobre os conceitos/descriptores “Arte”, “emancipação humana” e “câncer”, obtivemos 2 (dois) resultados.

Após a leitura de oito trabalhos científicos entre artigos, dissertações e teses, optamos por revisar, de forma pormenorizada, as produções de Gatti (2010), Castro (2015), Pereira (2006) e Fonte, Zavanelli, Costa, Gonçalves e Fajardo (2015), por tratarem diretamente do nosso tema de estudo. Consultamos os trabalhos de Lopes (2006), Torres (2020), Martins, Moraes, Ribeiro, Almeida, Schall e Modena (2013) e Ferreira, Meirelles Jr., Cunha, Janini e Curvelo (2007), mas não os incluímos na análise, uma vez que não apresentam proximidade significativa com os objetivos de nosso estudo. Diante disso, abordamos os descritores “Arte”, “emancipação humana” e “câncer” a partir das contribuições dos autores selecionados, cujas reflexões dialogam diretamente com nossa proposta da pesquisa.

Gatti (2010, p. 22) ao tratar da Arte Literária e emancipação humana a partir de abordagem multirreferencial, citou estudos de Vigotski e elucidou que “[...] nossa consciência inquieta-se diante do que lhe é estranho, contraditório, e busca um nexos, o equilíbrio do entendimento para as situações desestruturadoras”. Avaliamos que, no percurso da vivência da doença, a enfermidade, o diagnóstico e o tratamento, configuram tais situações

desestruturadoras, pois afetam, intrinsecamente, a pessoa em tratamento contra o câncer. Na complexidade do real, ou seja, na vivência da doença, a pessoa é forçada a construir novos sentidos para a realidade. Isso significa, que na resposta a fenômenos humanos, o câncer por exemplo, “dada a subjetividade dos atores não há possibilidade de se estabelecer critérios matemáticos, mensuráveis, para analisar a ação humana” Gatti (2010, p. 50). Nessa perspectiva, na criação artística, segundo Vigotski citado por Gatti (2010, p. 58), “[...] acerca da imaginação, mostra como essa capacidade especificamente humana possibilita ao homem distanciar-se do seu contexto e encontrar abrigo em outra realidade”. A criação artística é expressão de complexas emoções que integram a realidade psíquica da pessoa doente.

Ao caracterizarmos as criações de pessoas em tratamento contra o câncer, retomamos a afirmação de Vigotski citado por Gatti (2010, p. 58) de que “[...] a imaginação é essa capacidade de combinar e reelaborar as experiências passadas produzindo novas expressões”. O poder transformador da Arte em consideração a sua natureza social e educativa, é percebido no efeito que tem sobre o espectador. Mesmo que o espectador analise suas partes constitutivas, ainda assim, a obra de Arte intervém, não somente na vida do artista, mas, na vida das pessoas, ou seja, segundo Vigotski, citado por Gatti (2010, p. 70), “[...] a arte não se limita apenas a despertar sentimentos estéticos. Na verdade, ela recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material”. Compreendemos que para além da matéria objetiva, das cores, dos tons, das personagens, dos traços, ou seja, do que constitui uma obra de Arte, há a expressão única da complexidade do que o artista quer dar a conhecer. Ao descrever o que significa uma obra de Arte, na perspectiva de Vigotski, Gatti (2010, p. 71), elucida:

[...] assim compreendida, suscita um desdobramento para além daquilo que ela encerra em sua materialidade. Poderíamos considerar, logo, que o texto literário desperta o leitor para um devir, a transcendência de sua realidade ordinária, experiências que inicialmente ele não havia cogitado. De fato, a arte transcende a realidade ordinária, mesmo dependendo dela para se constituir.

Significa que, para além, por exemplo, da moldura, da tela, dos traços, das cores, das tintas, há algo que é, em complexidade, expressão única do artista. Contudo, mesmo ao transcender a realidade, refere-se a dor, ao medo, a angústia do tratamento.

Na perspectiva da Educação, o sujeito ao ser posto na relação com o objeto, nesse caso a obra de Arte, depara-se com algo que lhe suscita diferentes percepções, portanto, diferentes sentimentos e emoções. Gatti (2010, p. 71, grifo do autor) sumariza que “[...] o encontro com o

objeto artístico cria a zona de desenvolvimento próximo¹³, toca o ser humano, promovendo a abertura para o conhecimento no processo de aprendizagem, o que resulta em comportamentos sempre renovados”. Nessa abordagem o educador é responsável por possibilitar ao sujeito novas percepções, em suma, de fundar o homem no homem.

No estudo sobre o ensino de Arte e suas contribuições para a emancipação humana, Castro (2015) assevera que a conquista da emancipação humana se dá pela mediação da Filosofia, da Ciência e da Arte, ao longo do processo histórico. Fundamentado nos pressupostos marxistas, Castro (2015, p. 22) argumenta:

os homens serão tão mais livres quanto mais conscientes forem de sua natureza social e, assim, apropriando-se da cultura humana, podem transformar tais relações sociais tornando-as mais complexas, mais desenvolvidas e mais abrangentes, de modo a beneficiarem o gênero humano como um todo, criando laços de sociabilidade, cujo valor central seja a vida humana, não as coisas, que são tão somente criações humanas.

Na criação artística as objetivações genéricas são apropriadas pelas novas gerações, que, no âmbito das relações sociais, as reproduz ou as transforma. Na explicação de Castro (2015, p. 24):

a educação é a prática da humanização, que produz e desenvolve a subjetividade em cada indivíduo, seja de forma alienada ou não e, dessa forma, os indivíduos constituem a si mesmos e ao gênero concomitantemente, pois não se pode conhecer o mundo e apropriar-se dele de forma autônoma, há necessidade do processo de mediação, ainda que esse processo se efetive de maneiras diversas pela diferença dos níveis de consciência de cada sociedade ou grupo social.

A mediação na criação artística é tanto constituída pela vivência no grupo social, ao ditar o valor estético a noção de belo, por exemplo, quanto pela vivência da própria subjetividade constituída de pensamentos e emoções dos sujeitos singulares. Quanto aos níveis de consciência dos sujeitos, a Educação exerce função preponderante.

[...] a formação escolar pode variar entre o polo da alienação, até o polo da consciência *para-si*, em que o aluno é preparado para o mundo, capaz de identificar as contradições sociais, refletir e agir sobre a realidade, como um sujeito livre e consciente do seu pertencimento ao gênero humano, conectado com as objetivações genéricas em suas formas mais desenvolvidas (Castro, 2015, p. 26, grifo do autor).

No polo da alienação encontra-se a reprodução e a generalização das expressões

¹³Mantivemos a denominação original de “Zona de Desenvolvimento Próximo” tal como expressa Gatti (2010) diferentemente do que expõe Zoia Prestes em “Imaginação e criação na infância” ao explicar que a tradução correta é “Zona de Desenvolvimento Iminente” (Vigotski, 2018).

artísticas, no polo da consciência, encontra-se a percepção de si na expressão do outro. Há uma identificação, por análise objetiva, da emoção do outro, dos sentimentos, da angústia, e dentre inúmeros pensamentos e emoções, da alegria que são expressas pela imaginação e criação artísticas. Castro (2015, p. 29, grifo do autor) caracteriza que:

assim como na linguagem escrita e da mesma forma no ensino de Arte há uma necessidade de apropriação, por meio do ensino aprendizagem, da manifestação sensível estética humana, cujo valor social consiste no fato de ser o registro da memória dos homens, ao mesmo tempo que é a representação do real, com suas peculiaridades, atuando nos sentidos humanos. Para além disso, a arte expressa as contradições e superações históricas e, nem sempre, são reveladas sob a mediação dos sentidos *a priori*, dependendo de uma mediação para identificação de seus signos, códigos e significados, da sua essência.

Como expressão sensível, a criação artística manifesta peculiaridades do artista, seus sentidos, suas contradições e superações. Na expressão artística, signos e significados compõem o que percebemos ser as emoções de pessoas em tratamento contra o câncer. Tais sentidos, constituídos por signos e significados muito próprios, são percebidos pelos espectadores a partir de seus próprios contextos, não no contexto do artista. Castro (2015, p. 30, grifo do autor) explica:

para que a essência da obra de arte se revele aos sujeitos demanda-se uma análise complexa acerca de toda história da arte, das técnicas, dos temas, dos materiais usados, enfim, todas as dimensões constitutivas imanentes a ela. Em decorrência disso, o ensino de Arte na educação fundamental torna-se imprescindível, pois pode prover os alunos o conhecimento enriquecido e objetivo, preparando-os para vivenciarem uma experiência estética, na medida em que os leva ao contato com as produções históricas artísticas, sob mediação adequada, transformando sua subjetividade pela *catarse*.

Esse desenvolvimento da sensibilidade estética é fundamental para percepção da criação artística como expressão de emoções. Para além da compreensão limitada e alienada da realidade, a Arte possibilita novas percepções a favor da emancipação do sujeito. Castro (2015, p. 34) argumenta que “[...] o exercício da liberdade plena demanda uma preparação dos sujeitos sociais, que os capacite para a leitura de uma realidade social para além de seus elementos cotidianos [...]”. Em outras palavras, “a conquista da liberdade plena pelo gênero humano, necessariamente, passa pela tomada de consciência das objetivações humanas, ou seja, do trabalho humano objetivado. Isso decorre da apropriação dos elementos do cotidiano, sua problematização com vistas a sua superação” (Castro, 2015, p. 34). Na apropriação das objetivações dos elementos cotidianos há superação da reprodução do indivíduo e da sociedade. A criação é, portanto, a superação da alienação das expressões contidas nos elementos

cotidianos.

Para Castro (2015, p. 35, grifo do autor) a reprodução da sociedade “[...] é materializada nas objetivações, na realidade produzida historicamente pelos seres humanos e ao reproduzir essas atividades, o indivíduo está se relacionando de forma indireta com o gênero humano. Dessa forma progressiva tornando-se um indivíduo *para-si*”. De outro modo, “a emancipação humana, como possibilidade, está, em que medida o indivíduo se apropria da realidade objetiva produzida pelo conjunto dos homens e nisso se inclui o conhecimento, que é a objetivação imaterial e também é imanente na obra de arte”.

A apropriação da realidade imaterial pela via da Arte Plástica dá-se, não pela reprodução, mas, pela possibilidade de criação, de expressão daquilo que é para o sujeito, da realidade *para si*. Essa apropriação da realidade tanto material (do objeto em si) quanto imaterial (do que o objeto suscita no espectador), o sensibiliza a compreender as emoções do artista. O artista, e, em nossa pesquisa, a pessoa em tratamento contra o câncer expressa suas emoções. Castro (2015, p. 36) sumariza que “a liberdade de compreender e agir sobre o mundo sensível é fundamental para a ação consciente e transformadora do mundo circundante”. Ao discutir sobre o fetiche da mercadoria, Castro (2015, p. 41) cita que:

vivemos num momento do fetiche da mercadoria, em que esta é elevada ao estatuto de mediador universal das relações entre as coisas, entre dos homens e as coisas e dos homens entre si. Atribui-se um valor às pessoas pelo que elas têm como propriedade, ocasionando a distinção entre pessoas do mesmo gênero, o humano. A consequência disso é o estranhamento e embrutecimento dos sentidos humanos [...].

Ao discutir sobre a Arte como objetivação no processo de emancipação humana, Castro (2015, p. 44, grifo do autor) assevera que:

a Arte situa-se em um grau superior do desenvolvimento humano, como uma objetivação genérica *para-si*, na medida em que, por um lado, é a expressão do desenvolvimento cultural da humanidade e, por outro, convoca os sujeitos a interpelam o seu cotidiano, que é o universo das relações mediadas pela consciência *em-si* [...].

A Arte é permeada por conceitos históricos, sociais, ideologias e sensações e expressa valores humanos. Como expressão, a Arte é necessária ao desenvolvimento humano, pois comunica ao mesmo tempo que sensibiliza. Segundo Castro (2015, p. 46) a Arte “[...] é feita pelo e para o homem, consistindo numa produção essencialmente livre e criadora, sua natureza é a expressão subjetiva objetivada, pois pode retratar de maneira peculiar a realidade, as visões de mundo e ir além disso [...]”.

Em sua composição, seja material ou imaterial, a Arte dimensiona-se em objetiva e subjetiva, numa dialética indissolúvel. Implica “[...] o método dialético é indispensável para uma análise mais profunda da estética artística, enquanto *práxis* humanas [...]” (Castro, 2015, p. 47). A Arte age na sensibilidade humana, isso significa que, para elevar a consciência de uma classe social, é preciso considerarmos as necessidades dos seres humanos e suas formas de sensibilidade. Como elevação da consciência a experiência estética é importante para a emancipação humana, pois, influi sobre os sentidos humanos, aprimora a capacidade de falar, de ouvir, de ver, de tocar e de valorizar objetivações humanas. Diferentemente do valor de troca de uma mercadoria, na Arte valorizamos as realizações e objetivações humanas.

A educação para o desenvolvimento da sensibilidade artística “[...] é uma área específica do conhecimento humano e atividade sensível espiritual, com a potencialidade de mediar a transformação da consciência *em-si* em consciência *para-si*, de emancipar a sensibilidade estética do homem e levá-lo à riqueza intelectual, de modo objetivo e concreto [...]” (Castro, 2015, p. 50, grifos do autor). Para Pereira (2006, p. 137):

se nas sociedades capitalistas com predomínio quase absoluto da adaptabilidade, os sujeitos se vêem como peças de um jogo, cuja situação existente é vista como única realidade possível, a obra de arte revela-se como expressão da liberdade no domínio particular, constituindo-se em elemento de oposição à simples existência.

Na criação artística, aquilo que o sujeito vivenciou no âmbito social é ressignificado no plano pessoal, tornando-se uma forma de objetivar suas emoções. Na dinâmica entre o social e o individual, na criação artística dá-se a emancipação da sensibilidade do sujeito. Segundo Castro (2015, p. 51):

a produção artística pode ser socializada por meio do ensino formal, promovendo uma relação dialética necessária entre objeto artístico e observador, implicado diretamente na apropriação do conhecimento e das objetivações humanas que colaboram com a construção do homem e sua capacidade de fazer a leitura do mundo pelos sentidos.

Depreendemos que, na criação artística, o artista retrata sua realidade, sua classe e seu contexto, ou seja, expressão o mundo a sua volta, pela via real ou ideal. Implica considerarmos que:

as objetivações da educação em Arte na formação de homens livres podem ser parte do processo de autoconstrução humana, com vistas a emancipação estética, e, que vai além do plano subjetivo, pois, age na consciência humana a fim de transformá-la em consciência para si, logo, é imprescindível o seu caráter objetivo e orgânico, acerca das possibilidades reais e exequíveis desse processo que é dinâmico e interminável (Castro, 2015, p. 53).

Na perspectiva da educação para emancipação humana, a Arte contribui para que, por meio dos conhecimentos científicos e das linguagens artísticas, promova a formação omnilateral dos sujeitos. Contrariamente, a privatização da Arte, elimina o valor concreto e humano à medida que reduz ao fetiche da mercadoria, seu caráter social, comunicativo e sensível. Significa que “[...] tanto do ponto de vista teórico como prático, pois ela é [...] necessária para humanizar os sentidos do homem e criar a sensibilidade humana correspondente a toda à riqueza do ser humano e natural” (Castro, 2015, p. 64, grifo do autor). Sumariamente, “o desenvolvimento da sensibilidade estética é uma objetivação específica do conhecimento humano” (Castro, 2015, p. 115). Na mesma perspectiva, Pereira (2006, p. 136) cita Fabiano (2006) ao abordar sobre a emancipação humana por meio da Arte e, acerca do fetiche da mercadoria, considera que:

ao contrário dos produtos da indústria cultural cuja apropriação se dá a partir do mero consumo, a obra de arte moderna se mostra como mediadora da realidade social porque corporifica em sua forma interna uma autonomia relativa com relação à realidade empírica sobre a qual se torna então reflexão crítica.

Pereira (2006, p. 136) ao abordar sobre a mediação da Arte para a emancipação humana, argumenta que:

acionar o potencial político da esfera da cultura demanda interferência no universo das condições de existência objetivas e subjetivas, singulares e universais dos indivíduos sociais e dos sujeitos que constituem a história através de seus laços de convivência, embasados por valores, tradições, crenças, hábitos, entre outros, que em sua universalidade refletem uma condição de classe.

Na acepção marxista, a Arte como objetivação humana, implica compreendermos que “[...] a experiência com a atividade artística pode mediar o resgate da dimensão humano-genérica [...]” (Pereira, 2006, p. 73) o que significa:

[...] a subjetividade do sujeito na experiência com a arte, manifesta-se exprimindo suas formas particulares de ler o mundo. Esta manifestação reflete a dialética da essência e do fenômeno, considerada um dos problemas centrais da concepção estética marxista, tratada com o entendimento ‘(...) de que ambos são igualmente momentos da realidade objetiva, produzidos pela realidade e não pela consciência humana’.

Pereira (2006, p. 136) cita alguns elementos fundantes da indústria cultural: “[...] a negação do pensamento, a diversão como resignação e estar em acordo com o sempre igual e semelhante, levando ao embrutecimento e a regressão dos sentidos humanos”. Contrariamente, argumenta que “[...] a autonomia da arte é possível na medida em que conserva a capacidade

de protesto contra a realidade de onde provém, distinguindo, portanto, das outras atividades humanas [...]”. A Arte é definida, então, pela tensão entre individual e coletivo. Isso significa que, segundo argumenta Pereira (2006, p. 138), “é o caráter desinteressado da arte que resguarda sua autonomia, possibilitando-lhe não se acomodar ao sempre dado, projetar novas apreensões de sentidos, e, imanentemente, buscar estabelecer rupturas em relação às formas acomodadas de percepção, imaginação, entendimento”. Diante do que expõe Pereira (2006), a cultura, na perspectiva da indústria cultural, conforma o sujeito à vida real, de modo unilateral e adaptativo.

Fonte, Zavanelli, Costa, Gonçalves e Fajardo (2015, p. 1) ao tratarem dos efeitos terapêuticos da arte de contar histórias no tratamento de câncer, asseveram que “o câncer é visto como um processo irreversível, cujo significado encontra-se associado a um desfecho fatal, intensificando assim o sofrimento do paciente e de sua família”. Complementarmente, avaliam que “o fato de alguém receber o diagnóstico de câncer pode significar uma situação de morte anunciada, ainda na atualidade, mesmo com os recursos e os tratamentos disponíveis que, em alguns casos, possibilitam a cura” (Fonte, Zavanelli, Costa, Gonçalves e Fajardo, 2015, p. 2). Fonte, Zavanelli, Costa, Gonçalves e Fajardo (2015, p. 3) discutem que “se por um lado, a morte é implacável à nossa condição humana, por outro, enquanto houver vida, devemos lidar com o sofrimento e a dor, não como sina, mas como possibilidades, inclusive de serem aliviados e vencidos, além de potencializar a capacidade criativa do indivíduo”.

A promoção da saúde deve “[...] construir práticas que se pautem pela humanização e pelo cuidado integral, entendendo saúde como um movimento contínuo e incessante que atravessa diferentes dimensões da condição humana”, Gonçalves *et al* (2013) citados por Fonte, Zavanelli, Costa, Gonçalves e Fajardo (2015, p. 3).

A partir do que brevemente apresentamos nesta subseção sobre as contribuições identificadas nos estudos de Gatti (2010), Castro (2015), Pereira (2006) e Fonte, Zavanelli, Costa, Gonçalves e Fajardo (2015), passamos, na próxima subseção, à revisão bibliográfica sobre a arte plástica de Frida Kahlo. Para isso, selecionamos algumas de suas obras, como “*Mi nacimiento*” e “*La columna rota*”, que representam de forma emblemática a experiência de uma pessoa em tratamento de saúde, temática que dialoga com a criação artística de pessoas em tratamento contra o câncer, conforme discutido anteriormente.

5.2 Emoções expressas por pessoas em tratamento contra o câncer: descrição das produções

Compreendida a relação indissociável entre imaginação e realidade, e reconhecida a imaginação como função essencial no processo de criação, para composição deste texto e posterior descrição das criações dos pacientes oncológicos do Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão, descrevemos algumas telas de Frida Kahlo, nas quais evidenciamos vivências emocionais simbolicamente manifestas por meio da linguagem visual.

No caso específico de Frida Kahlo, avaliamos pertinente adotarmos o conceito de “Obra de Arte”, uma vez que pressupomos que a produção artística não se constitui como mera junção arbitrária de elementos, mas como sistema simbólico que possui lógica/funcionamento interno. A Arte, nesse sentido, se articula a partir de uma lógica própria/interna de desenvolvimento, estrutura as relações entre o criador e o conteúdo de sua imaginação (que está dotado de sentimentos e emoções), ao mesmo tempo em que estabelece relações/vínculos significativos com a realidade objetiva.

Frida Kahlo consolidou-se como figura emblemática no campo das Artes Visuais, não apenas pela densidade simbólica presentes em suas telas, mas pelas combinações e escolhas estéticas que atravessam suas produções. Batista *et al* (2014, p. 1), inferiu que as primeiras experiências de Frida Kahlo com a dor, foram atribuídas à poliomielite, doença que a atingiu aos seis anos de idade. Como consequência dessa condição, destacaram-se a hipotrofia do membro inferior direito e a atrofia do pé do mesmo lado, alterações que impuseram à artista um sofrimento considerável, intensificado pelo preconceito que sofreu ao ser apelidada “Frida perna de pau”. Em resposta a essa vivência, Frida Kahlo utilizou calças e saias longas, para ocultar as sequelas visíveis, o que mais tarde, se constituíram traços de sua identidade artística.

Posteriormente, entre 1922 e 1925, Frida Kahlo frequentou a Escola Nacional Preparatória, percurso logo interrompido ao sofrer acidente entre um bonde e um ônibus. O acidente a deixou com múltiplas sequelas e fraturas que exigiram um longo – e intenso – período de repouso para recuperação. Este foi um fator determinante para a emergência das produções artísticas de Frida Kahlo.

Nossa escolha de algumas obras de Frida Kahlo para compor o conteúdo deste estudo ocorreu em razão das buscas realizadas, em que mesmo em diferentes bibliotecas *on-line*, Frida Kahlo é recorrentemente citada. Frida Kahlo expressou sua vivência, seu sofrimento e suas experiências de dor de diversas formas. A título de exemplo, citamos duas telas de Frida Kahlo: “*Mi nacimiento*” e “*La columna rota*”.

Figura 1 - Mi nacimiento - Frida Kahlo



Mi nacimiento (Meu nascimento) - 1932. Óleo sobre metal 30,5 x 35 cm. Colección privada de la “Madonna”. Consultado em <http://www.fridakahlofans.com/c0100.html>.

Na tela “*Mi Nacimiento*” (1932), Frida Kahlo articula representação subjetiva e objetiva de seu próprio nascimento, e revela por meio da Arte, tanto a fragilidade das relações estabelecidas com sua mãe quanto a maneira como elaborou e internalizou o nascimento de sua irmã. Na referida tela, Frida Kahlo representa o nascimento de sua irmã como um evento que resultou em um distanciamento emocional entre ela própria e sua figura. A realidade, seja psíquica ou história, pode ser convertida em Arte. Frida Kahlo criou uma imagem do seu discurso. Essa discussão reforça uma das teses centrais que desenvolvemos nesta pesquisa no que tange à Arte em relação à realidade, ao expressar elementos da materialidade, de forma simbólica e subjetiva, mas atravessada pelas reações emocionais e sentimentos que são gerados em razão de sua vivência.

A obra mencionada de Frida Kahlo ilustra de forma significativa a compreensão de Vigotski (2018), ao inferir que o ser humano possui uma relação de interdependência e, também de distanciamento, em relação à realidade. Conforme discutimos neste trabalho, é a partir da objetividade que se estruturam os conteúdos elaborados pela imaginação humana. Nesse sentido, Vigotski (2018, p. 20) advertiu que “seria um milagre se a imaginação inventasse do nada ou tivesse outras fontes para suas criações que não a experiência anterior”, ao enfatizar que a imaginação não se constitui como processo autônomo e apartado da realidade, mas como uma reorganização criativa de elementos advindos da vivência concreta e do acúmulo de experiências do sujeito.

A maneira pela qual Frida Kahlo apreendeu e representou a realidade manifesta-se, de modo particularmente categórico, na tela “*La Columna Rota*”. Nessa composição artística, a artista figurou as consequências traumáticas de seu primeiro acidente, cujas sequelas físicas, como fraturas graves, impuseram longos períodos de imobilidade e sofrimento. A tela se

constitui, assim, como criação da experiência da dor, por meio da qual Frida Kahlo expressou não apenas o adoecimento corpóreo/orgânico, mas também a angústia existencial de habitar um corpo marcado pelo padecimento.

Figura 2 - *La columna rota* - Frida Kahlo



La columna rota (A coluna quebrada) - 1944. Óleo sobre lienzo montado sobre fibra dura 43 x 33 cm. Museo Dolores Olmedo Patiño, Ciudad de México, México. Consultado em <http://www.fridakahlofans.com/c0480.html>.

Neste viés, entendemos que a imaginação, que é onde se assenta o processo criativo e a Arte, possui relação dependente com a realidade. Especialmente a de Frida Kahlo, possui elementos da realidade. Porém, como enunciamos, enquanto a imaginação depende da realidade, pode se distanciar dela, de modo a criar algo completamente novo e de alta complexidade.

Para a imaginação é importante a direção da consciência, que consiste em se afastar da realidade, em uma atividade relativamente autônoma da consciência, que se diferencia da cognição imediata da realidade [...] toda penetração mais profunda na realidade exige uma atitude mais livre da consciência para com elementos dessa realidade, um afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária, a possibilidade de processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e enriquece (Vigotski, 1998, p. 129).

A função imaginária, portanto, é descrita como atividade que funciona de forma relativamente independente da realidade imediata, permite com que o sujeito se distancie da realidade imediata. Ao usarmos a expressão “relativamente” entendemos que, embora possa se distanciar, resguarda alguns elementos abstraídos do mundo real. Outro ponto fundamental, que apreendemos das telas de Frida Kahlo, se refere à como a doença ou o padecimento são concebidos pelo sujeito, que ao viver a dor, é experienciado de forma diferenciada.

A interpretação da dor, pelo indivíduo, é sentida de forma multidimensional e adquire

qualidades e intensidades diferentes. A percepção que cada sujeito tem da dor, da doença, do processo de diagnóstico e do tratamento, tem suas bases assentadas em suas vivências anteriores. O aspecto ideológico (Marques, 2022, p. 35), isto é, o conteúdo da obra, além do que é próprio da manifestação artística, é essencial para a compreensão das produções de Frida Khalo.

[...] a pintura nos faz esquecer o caráter plano, portador da representação. Em um bom quadro nós não vemos uma tela quadrada preenchida com tinta: ela desaparece, se afasta, e diante de nós, aparece com toda força o espaço imaginário do quadro, enquanto seu espaço real desaparece (Marques, 2022, p. 287).

A Arte nos possibilita dialogar com o real, com a materialidade, ao mesmo tempo em que nos distancia dessa realidade e nos permite recriar e reelaborar por meio da atividade criativa. Ao acessar o domínio/espaço do imaginário, a Arte favorece a expansão psíquica, de modo a conduzir o indivíduo a níveis cada vez mais complexos de elaboração subjetiva.

Nesta direção, a partir da bibliografia fundamental que orientou a organização de nossa pesquisa, bem como das análises que sustentam as observações acerca de algumas telas de Frida Khalo, descrevemos três telas produzidas por pessoas em tratamento contra o câncer, com o intuito de identificarmos sentimentos e emoções nelas expressas e estabelecermos diálogo entre essas produções e reflexões e o que expressou Frida Kahlo, de modo a compreendermos como a Arte se aproxima da realidade ao extrair dela elementos que, embora subjetivamente elaborados, permanecem ancorados na materialidade.

É de fundamental importância destacarmos que o objetivo central de nossa pesquisa, não é analisar as produções realizadas, mas descrevê-las a partir das próprias impressões e significados daqueles que as produziram. As telas foram elaboradas de forma totalmente livre, sem qualquer interferência por parte das pesquisadoras, com o intuito de evitar possíveis enviesamentos. Para iniciar o processo de produção das telas, fomos ao Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão. O propósito era que as telas refletissem, de maneira particular e singular, o momento vivido pelos participantes em tratamento contra o câncer.

Outro ponto que se faz de extrema relevância mencionarmos é que a escolha do termo criação ou produção quando nos referimos sobre as telas pintadas pelos participantes da pesquisa. Essa escolha se fundamenta na compreensão de que a Arte, conforme destacado por Vigotski em *Psicologia da Arte* (1999), possui uma lógica interna própria, não se configurando como um simples agrupamento aleatório e desordenado de elementos. Para o autor, a Arte pode exprimir emoções e sentimentos, tanto em uma pessoa em particular quanto em uma sociedade como um todo. Para Vigotski (2018, p. 33):

[...] é fácil constatar que em outro sentido essa construção da fantasia parte diretamente da realidade e influi sobre ela. Entretanto, essa realidade não é externa, e sim interna – o mundo das ideias, dos conceitos e do sentimento próprio do homem. Dizem dessas obras que elas são fortes não pela verdade externa, mas pela verdade interna [...] eis porque, em outro poema, ela fala sobre a vivência emocional real, provocada pela invenção: As invenções fazem-me derramar lágrima”. Para convencer-se de que a imaginação, nesse caso, descreve o mesmo círculo completo que quando é encarnada num instrumento material, basta lembrar a ação que a obra artística provoca na consciência da sociedade.

Ao asseverar o potencial humanizador da Arte, e também de desenvolver o sentimento estético perante à obra de Arte e de como pode contribuir com o desenvolvimento das emoções, Vigotski (2018, p. 34) afirmou a necessidade de compreender o que é Arte, e para isso inferiu que há uma lógica interna para definir o que é a Arte.

As obras de arte podem exercer essas influências sobre a consciência social das pessoas apenas porque possuem sua própria lógica interna. O autor de qualquer obra artística, assim como Pugatchiov, combina as imagens da fantasia não à toa e sem propósito ou amontoando-as casualmente, assim como num sonho ou num delírio. Pelo contrário, as obras de arte seguem a lógica interna das imagens em desenvolvimento, lógica essa que se condiciona à relação que a obra estabelece entre o seu próprio mundo e o mundo externo.

Vigotski (2018, p. 36) conclui que “assim, numa obra de arte, frequentemente encontramos justaposições de traços distantes uns dos outros e aparentemente desconexos, que, todavia, não são estranhos uns aos outros, como a ideia de dor de dente e de casamento, mas unidas por lógica interna”. Essa afirmação indica que a Arte incorpora elementos que, mesmo distintos entre si, são organizados por uma lógica própria, o que a caracteriza como manifestação artística.

Essa distinção é importante, já que nosso objetivo não foi identificar artistas profissionais que colaborassem com a pesquisa, mas, identificar pessoas que estivessem em tratamento contra o câncer e que pudessem expressar em uma pintura, quais as emoções e sentimentos vivenciados nesse período e os atravessamentos da doença em suas vidas.

A primeira produção foi realizada pela Participante A, que escolheu produzir uma tela baseada na “imensidão do sofrimento do doente” conforme mencionado pela própria criadora da tela. A participante referente à primeira tela optou por não se manifestar sobre sua produção e nem por assiná-la. Em respeito ao sigilo e à organização desta pesquisa, é identificada como Participante A. Essa participante escolheu não dar nome à tela, porém, quando nos encontramos, ao perguntar suas impressões sobre a tela, a participante relatou que seu objetivo foi justamente retratar a profundidade de sofrimento, físico e psíquico, no enfrentamento à doença. Foi possível compreendermos, a partir de seu relato, que a pintura demarcou com certa

precisão ao representar suas dores e angústias do atual momento vivido. Para ela, a pintura da tela simbolizou a vastidão e a intensidade do seu atual momento e da forma como a doença a atingiu.

A Participante A optou por pintar uma paisagem com o intuito de simbolizar a vastidão do processo de tratamento, da doença e da própria vida diante dos desafios impostos pela atual condição de saúde. Nesta representação em desenho de uma paisagem, há flores, árvores, pássaros e montanhas. A escolha das cores, as formas dos desenhos foram criteriosamente pensados com o intuito de parecer que os elementos se movessem, assim como a vida, as árvores e as flores estavam em movimento contínuo.

Segundo a Participante A, a escolha por cores escuras no fundo da tela reflete a sensação de não encontrar uma solução para o problema enfrentado. Em contrapartida, as representações do céu, das flores e das árvores, remetem à ideia de movimento contínuo, revelando uma tentativa de confiar no processo de cura e superação da doença.

Figura 3 - A imensidão do Sofrimento - Participante A



Fonte: Participante A, 2025.

Como mencionamos ao longo do texto, a escolha das cores, o uso dos pincéis, a junção das tintas, possui um objetivo, expressa uma função. Na imagem acima a escolha das cores tem o intuito de apresentar essa ideia de sofrimento, de padecimento, conforme relatado pela própria criadora da tela.

Como defendemos em outras seções, a saúde está profundamente associada à criatividade e à sensibilidade, e essas funções são especificamente humanas e essenciais para o desenvolvimento saudável de uma vida. O ser humano, ao conviver e interagir com o ambiente e com outros indivíduos, utiliza seu potencial sensível e criativo para estabelecer relações e

enfrentar os limites objetivos e subjetivos impostos pela vida. Essa concepção se evidencia na produção da tela descrita, uma vez que a participante buscou expressar, por meio da produção de uma tela, sua forma de compreender a doença e o tratamento, considerando e respeitando os aspectos subjetivos de sua saúde.

No momento de entrega da tela para produção, a Participante B demonstrou grande interesse e entusiasmo. Relatou que antes de receber o diagnóstico, estava em um curso de pintura de tecidos, porém, como o diagnóstico, precisou reorientar sua vida. Então, desde o diagnóstico, não retomou a prática da pintura.

A Imagem 5, intitulada “Apoio”, tem como objetivo ilustrar a importância do suporte e da convivência durante o tratamento contra a doença. Durante a entrevista semiestruturada, a participante relatou que a ausência de apoio ao longo de seu tratamento foi a questão mais urgente neste momento de sua vida. A solidão, associada ao sofrimento desde o diagnóstico até a queda de cabelo, foi um fator determinante para que se sentisse isolada e sem rede de apoio. Durante a entrevista, a participante relatou que as visitas acabaram, familiares se afastaram, demonstrando, assim, a solidão durante o processo de tratamento.

Figura 4 - Apoio - Participante B



Fonte: Participante B, 2025.

As escolhas das cores, das formas, também são constitutivas da tela produzida pela participante B. Em resposta ao questionário que foi entregue à participante, inferiu que: *“a falta de apoio da família e dos amigos, determinaram meu processo. As pessoas não me visitam mais, os amigos não frequentam minha casa”*. A participante comentou que a escolha das cores foi justamente uma tentativa de expressar a solidão desse momento, enquanto as mãos simbolizam a participação, ajuda e o amparo que é tão necessário para pessoas que vivenciam o processo saúde-doença.

Entendemos que na experiência com a produção artística, a subjetividade do sujeito se

expressa por meio de modos particulares de interpretar a realidade. Isso significa que a forma como a participante B experiencia a doença é de forma completamente diferente e única da forma como a participante A vivencia este processo.

A terceira e última tela, pintada pela Participante C, apresentou formas diferentes de interpretação do processo de tratamento do câncer. A criadora da tela relatou que desde o seu diagnóstico tentou manter a fé em seu processo de cura. Observamos aqui, a partir da tela, que o apego à fé foi determinante em seu processo. Nas entrevistas, a paciente relatou que *“precisei ser forte, pela minha família. Eu não podia demonstrar meu medo ali para que eles não se abalassem também. A fé em Deus foi o que me manteve confiante no processo de tratamento”*.

Figura 5 - Fé - Participante C



Fonte: Participante A, 2025.

A Participante C representou, em sua produção, a imagem de Nossa Senhora, caracterizando-a como uma expressão de “fé” – termo que, inclusive, foi escrito ao lado da figura da santa. A imagem é composta por elementos simbólicos, como um terço, que remete ao exercício da oração e à devoção religiosa, evidenciando a fé depositada em Nossa Senhora. Alguns aspectos visuais da pintura chamam nossa atenção, como o semblante de tristeza, o uso predominante da cor preta e a presença de uma sombra que sugere um corpo em processo de desaparecimento.

Durante a entrevista semiestruturada, algumas expressões da participante contribuíram significativamente para a descrição de sua produção. Ao afirmar que *“a fé em Nossa Senhora faz parte da minha vida”*, evidenciamos que o exercício da religiosidade constituiu um dos principais alicerces utilizados por ela para enfrentar o processo de adoecimento. Tal pensamento é reforçado quando a participante declara que *“sem fé e esperança não há vida”*, e conclui que *“a religiosidade é essencial para a luta contra o câncer”*.

A participante relatou que a pintura evocou diversas emoções e sentimentos, tais como esperança, amor pela vida, alegria, gratidão, compaixão – tanto por si mesma quanto por outras pessoas que enfrentam a mesma situação –, além de medo e um certo grau de angústia. Ela destacou que algumas expressões complementam o sentido e o significado de sua criação, e mencionou, em especial, “*fé, esperança e amor*”. Ao observar a pintura finalizada, afirmou sentir “*amor e carinho*” por sua própria vida e por tudo o que vivenciou até aquele momento.

Diante dessas telas e de tudo que expusemos ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, observamos que a Arte pode despertar sentimentos e emoções nos sujeitos, tanto no criador quanto no apreciador. Assim, as emoções e sentimentos evocados por uma produção – como, neste caso, uma tela – devem estar vinculados à totalidade da vida psíquica e objetiva do sujeito.

Como mencionamos anteriormente, a dialética constitui o eixo central do desenvolvimento da *Psicologia da Arte*, de Vigotski. Ela não se manifesta somente na elaboração do método e da fundamentação teórica da *Psicologia da Arte*, mas está presente no próprio processo criativo, no efeito estético provocado pela obra e na ontologia da Arte. O próprio processo criativo é atravessado por um movimento dialético, de caráter revolucionário e inovador, capaz de provocar transformações/mudanças tanto na realidade material quanto na realidade psíquica do sujeito.

Deste modo, entendemos que a Arte permite ao sujeito lidar com conteúdos intrapsíquicos. Entendido que a Arte pode suscitar emoções e contribuir com a consciência de si, fundamentados nos estudos de Lukács (2023), compreendemos que a Arte consiste em reflexo da realidade, então, expõe as necessidades, as angústias, as dores, as emoções (sentidas inclusive no próprio corpo) da vida concreta. É nessa direção que entendemos que Arte pode contribuir com a emancipação humana, nesse valor psicossocial que manifesta. Abrodar sobre uma sociedade efetivamente emancipada, é tratar de uma sociedade comunista capaz de envolver e incluir todos os homens. Entendemos, portanto, a importância da Arte para a formação/construção de uma sociabilidade plenamente emancipada e que coloque fim a exploração do Capital sobre o trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Exame de Qualificação deste nosso estudo, havíamos cogitado a possibilidade de, a partir da produção e disponibilização de telas pintadas por pessoas em tratamento contra o câncer, promovermos exposições em espaços públicos e leilão das telas com destinação do valor arrecadado para ala de oncologia do Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão. Contudo, inúmeras problemáticas incidiram na realização das atividades compreendidas no âmbito do projeto, da participação de pessoas em tratamento contra o câncer, e, conseqüentemente, da elaboração da dissertação e discussão dos resultados objetivos com o desenvolvimento de toda a pesquisa e estudo.

Durante a intervenção do Poder Executivo Municipal no Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão, realizada no período de 10 de fevereiro de 2024 a 9 de fevereiro de 2025, adotamos encaminhamentos distintos em nossa pesquisa. Isso se deve à mudança na equipe diretora do hospital, que impôs novos arranjos quanto aos prazos e à obtenção de informações sobre pessoas em tratamento contra o câncer durante o período de execução do estudo. Também a submissão, a análise e a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da Unespar demorou tempo maior do que havíamos esperado, foram, no mínimo, quatro meses até a aprovação final dos documentos e emissão de parecer favorável para realizarmos todas as atividades que propusemos. Uma última problemática, e não menos importante, foi a vinculação de pessoas em tratamento contra o câncer às atividades que propusemos no âmbito do projeto de pesquisa. Quanto a essa etapa, salientamos que obtivemos contribuição financeira para a aquisição dos materiais (tela em tecido, jogo de pincéis, separador de tinta e tintas acrílicas) e que prevíamos a participação de, no mínimo, cinco pessoas. Contudo, somente três pintaram telas e dispuseram para nosso estudo. Em decorrência da participação de três pessoas apenas, não organizamos exposição em espaços públicos e nem o leilão das telas. Julgamos que tais telas devem ser expostas na ala de oncologia do Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão, espaço de vivências, expressões e memórias de luta contra o câncer, de esperança e de vida.

Com base na bibliografia fundamental que orientou esta pesquisa, reconhecemos o trabalho como categoria fundante do ser social – é por meio dele que se efetivou o salto ontológico qualitativo do sujeito, transitando de uma condição meramente natural para uma condição social. A partir dessas considerações, situamos nossas reflexões acerca das distinções fundamentais entre emancipação humana e emancipação política. Para isso, nos debruçamos,

especialmente, nos escritos do jovem Marx: *Sobre a Questão Judaica e Glosas Críticas Marginais ao Artigo “O Rei da Prússia e a Reforma Social”*. De um Prussiano.

Nos textos que citamos Marx é categórico ao fazer a distinção entre as categorias de emancipação humana e emancipação política. Para o intelectual, de forma inequívoca, a emancipação política significou e significa o projeto da burguesia. Como enunciado, essa forma de emancipação é parcial, correspondente aos interesses da própria burguesia, isto é, conserva a lógica de manutenção da sociedade burguesa e de todas as barbáries.

A emancipação política, expressa pela cidadania e pela democracia é, sem dúvida, uma forma de liberdade superior à liberdade existente na sociedade feudal, mas, na medida em que deixa intactas as raízes da desigualdade social, não deixa de ser ainda uma liberdade essencialmente limitada, uma forma de escravidão. A inclusão dos trabalhadores na comunidade política não ataca os problemas fundamentais deles, pois eles podem ser cidadãos sem deixarem de ser trabalhadores (assalariados), mas não podem ser plenamente livres sem deixarem de ser trabalhadores (assalariados) (Tonet, 2010, p. 27).

Mesmo com os limites impostos pela própria política, Marx compreendeu que essa forma de emancipação significou um avanço, embora ainda tenha mantido os trabalhadores na condição de explorados e oprimidos. Marx (2010a) argumentou que a verdadeira emancipação – capaz de extinguir a exploração do Capital sobre o Trabalho – somente se concretiza pela via de uma revolução social, que resultaria no fim da exploração do homem pelo homem. Para o intelectual, esta é a tarefa a ser assumida pela classe trabalhadora, de modo a suprimir todas as formas de opressão e dominação. Marx (2010a) a denomina como *emancipação humana*.

Conforme expõe Marx (2010a) a emancipação humana se refere a libertação universal da humanidade. Nesta forma, o homem reintegra sua força de trabalho, que antes estava alienada. A emancipação humana só estará plenamente realizada quando “o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado ente *genérico* na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais” (Marx, 2010a, p. 54). Isto é, seria o fim do trabalho alienado.

É com base nessas discussões que situamos nosso entendimento sobre o complexo da Arte, entendido que, com a complexificação do trabalho, houve a exigência de outros complexos que dessem sentido à existência humana, quais sejam: Educação, linguagem, a própria Arte, entre outros. Essa última é tomada como de origem psicossocial, visto que expressa conteúdos da subjetividade do sujeito, mas que mantém íntima relação com a materialidade.

Como tomado em nossas análises, a Arte não expressa fidedignamente a objetividade,

mas guarda relações. É uma representação do que é apreendido do mundo objetivo que, assentado na imaginação, é recriado e transformado. Por isso, entendemos que a Arte, ao mesmo tempo que pode produzir compreensão profunda da realidade, pode, também, ampliar estranhamentos e alienações que encobrem ou distorcem a vida concreta.

Nossa pesquisa identificou que, na contemporaneidade, a Arte – localizada na lógica da sociabilidade capitalista – encontra-se desvinculada dos ideais revolucionários de Marx (2009), frequentemente apropriada pelo Capital como instrumento de (re)produção de fetiches e de reforço das alienações. Contrários à lógica imposta pelo Capital, trabalhamos com a matriz da Arte como promotora de desenvolvimento humano, que contribui com a supressão da sociedade capitalista e que vá ao encontro dos princípios da emancipação humana, pois compreendemos que, conforme Vigotski (1999) a Arte transforma o próprio sujeito.

Compreendida como complexo fundamental na constituição do ser humano, a Arte configura-se, portanto, como forma de objetivação do ser social – reflexo da objetividade do mundo material (Lukács, 1982). A partir dessas assertivas, no desenvolvimento dessa pesquisa, defendemos que a Arte produz dois sentidos: I. Arte como complexo humanizador dos sentidos humanos; II. baseado na compreensão da Arte como produtora de fetichismo. A Arte como instrumento para emancipação humana, pode auxiliar no processo de tomada de consciência, na retomada da “essência” das coisas. Isto é, ao tomar consciência da concretude, o homem aprofunda seus conhecimentos acerca da realidade. O homem passa a se perceber como pertencente ao gênero humano, e não apartado/alheio ao decurso histórico.

Em suma, a Arte condicionada às determinações do Capital, constitui sujeitos esvaziados de seu conteúdo, apartados da realidade e limitados em seu desenvolvimento. Em contrapartida, entendemos que a Arte, na perspectiva marxista, expõe a luta dos trabalhadores, as contradições da sociedade de classes, além de reiterar a luta pelo comunismo. A criação, além de refletir aspectos objetivos da realidade, se afirma como um importante instrumento de requalificação do psiquismo e que permite ao sujeito externalizar e elaborar suas emoções, sentimentos e vivências.

Pensamos e elaboramos cada unidade dessa pesquisa a partir das relações que podem ser estabelecidas com nosso objeto de trabalho. Sobre isso, na seção IV, discutimos a teoria das emoções. Nela, retomamos a tese de que a Arte não pode ser concebida a partir de uma perspectiva simplista, já que uma de suas funções está justamente na possibilidade de reorganização psíquica. Ao discorrer sobre a natureza da Arte, Vigotski (1999) afirmou que as possibilidades de desenvolvimento criativo e imaginativo dependem das condições objetivas e da diversidade de experiências anteriores.

Em consonância a essa temática, dispusemos de uma subseção para explicar sobre como a Arte pode contribuir com o desenvolvimento psíquico, posto que atua na reorganização do psiquismo humano. Tomamos como base a tese realizada por Vigotski (2018), quanto ao processo criativo condicionado e dependente da imaginação. Para isso, concebemos a existência de quatro formas de relação entre a imaginação e a realidade: I. a primeira forma de relação consiste na compreensão de que todo produto da imaginação se constrói de elementos da realidade; II. a segunda forma é mais complexa, e se refere ao produto final da fantasia; III. é de caráter emocional; IV. consiste na ideia de que a construção da fantasia pode gerar algo completamente novo. Essas formas de imaginação reforçam a tese realizada por Ribot e endossada por Vigotski (2018, p. 30) de que:

todas as formas de imaginação criativa contêm em si elementos afetivos. Isso significa que qualquer construção da fantasia influi, inversamente, em nossos sentimentos e a despeito de essa construção por si só não corresponder à realidade, todo sentimento que provoca é verdadeiro, realmente vivenciado pela pessoa e dela se apossa.

Na mesma seção, ao discutir sobre os sistemas conceituais, assinalamos que a Arte significa o grau mais alto e elevado de consciência. Permite ao sujeito lidar com símbolos e signos que nem sempre estão diretamente relacionados ao objeto, ou, ainda, permite ao sujeito lidar, recriar e pensar sobre objetos e fenômenos do passado.

A última subseção esteve associada ao conteúdo geral exposto e analisamos como as emoções são expressas a partir da obra de Arte. Para isso, retomamos as distinções feitas por Smirnov (1969) ao inferir que as emoções estão mais relacionadas a satisfações orgânicas, os sentimentos, por sua vez, associados às necessidades culturais. Contudo, por mais que as emoções estejam subordinadas à base biológica, não se configuram como construções individuais, pelo contrário, são características inerentes ao ser social.

Outro ponto fundamental se refere ao fato de que as emoções e os sentimentos mais complexos possuem dimensões históricas e sociais, portanto, não são funções estáticas, mas se afirmam como dimensões que estão em constante movimento e se transformam ao longo do tempo. Longe de se caracterizarem como funções atemporais, se sujeitam às condições de determinado período histórico e social.

Neste sentido, encaminhamos a fase final desta pesquisa ao realizarmos alguns levantamentos bibliográficos acerca do tema Arte, câncer e Emancipação humana, com isso, obtivemos alguns resultados que nos subsidiaram para fundamentar as descrições das telas pintadas pelos pacientes oncológicos. Em concordância com o que fora exposto, agregamos as

descrições das telas a algumas obras de Frida Kahlo.

Nossa escolha pelas telas de Frida Kahlo foi estabelecida pela vivência dessa artista, por um lado, com a dor e o sofrimento, e por outro, com a capacidade de expressão, tão vívida e significativa, com a doença, a dor e suas expressões. As telas de Frida Kahlo “*Mi nacimiento*” e “*La columna rota*”, exemplarmente, apesar de entendermos que Arte não é reprodução, portanto, não passível de exemplificação, demonstram sentimentos e emoções vividas por essa artista plástica de modo tão material, real e expressivo.

O entendimento de emoções por meio de telas, para nós, não pode ser uma atividade de análise, pois, não vivenciamos a materialidade da vida dos artistas, dos criadores. Nossa análise, se assim pretendêssemos, seria limitada ao que veríamos, ao que identificaríamos, portanto, e perceberíamos, pois, a percepção, a vivência daquilo que nos constitui intrinsecamente, é passível de conhecimento, talvez, somente por nós mesmos.

Embora compartilhemos da tese de Vigotski ao questionar a concepção da Arte a serviço de algo ou alguém, sustentamos que a Arte – assim como demais atividades humanas – exerce a função de atender às necessidades humanas e sociais. A Arte, para a Psicologia Histórico-Cultural é um instrumento da sociedade que integra à vida social aspectos da subjetividade.

Portanto, partimos desse entendimento para identificar que a Arte pode comunicar, expressar. Contudo, comunica e expressa sentimentos e emoções do criador, do artista, emergidas, portanto, do seu contexto de vivência, que jamais será o contexto de observador, do apreciador. Desse modo, quando contactamos uma obra de Arte, sempre percebemos algo do que chega para nós do artista, mediante nossas próprias percepções e vivências. As tintas e cores que Frida Kahlo utilizou para pintar suas telas, foram escolhas dela, do mesmo modo, como, do âmago da sua dor, criou telas como “*La columna rota*”. Assim, por exemplo, essa tela decorreu de um momento histórico muito concreto que nos permite imaginar, o que Frida Kahlo sentiu como “*A coluna quebrada*”.

Vários aspectos da concretude da vida nos impos a proximidade com o tema e nos implicou a realizar essa pesquisa: a vivência muito próxima do tratamento contra o câncer; por tudo o que constitui a feminilidade na atualidade; o engajamento com a luta de classes; a compreensão de como se dá a aprendizagem e o desenvolvimento das emoções humanas; ao acompanhamento de projetos sobre Pedagogia Hospitalar junto ao Hospital Santa Casa de Misericórdia de Campo Mourão, permearam toda a nossa escrita.

A ala de oncologia deste hospital recebe, diariamente, dezenas de pessoas em tratamento contra o câncer. Algumas em tratamento paliativo, outras no auge, e outras ainda, na apreensão da recente descoberta da doença. Todas em vivência particularíssima do que é estar acometido

desta doença. Não raras vezes contactamos pessoas que se percebem no fim da vida, como se, diante do câncer, resta apenas, esperar a morte acabar com tanta dor e sofrimento.

A Arte tem o poder de expressar emoções e é também um registro, uma comunicação, um apelo. É a materialização de expressões tão subjetivas, tão reais e ao mesmo tempo, tão passíveis de transformação. Pela Arte somos impelidos a lidar com os sentimentos e as emoções dos outros, e, com os nossos próprios sentimentos e emoções. As pinturas em telas de pessoas em tratamento contra o câncer, a exemplo das três telas que expusemos aqui, nos permitiu identificar algumas poucas, mas, significativas compreensões sobre o que é estar com câncer e expressar em tela sentimentos e emoções da vivência da doença.

Descrevemos a tela produzida pela Participante A, como, ao que nos parece, plantas ressequidas no entardecer. Há para nós, e isso discorremos no limite máximo de nossas possibilidades de interpretação, que não é nosso objetivo, de enfrentamento da morte, “o entardecer”, “as plantas marrendo”, “o fogo queimando as plantas”, dentre tantas outras inúmeras possibilidades de percepção dessa criação. A tela produzida pela Participante B, também como a percebemos, “duas mãos brancas pálidas em união”, “luto” representado pelo fundo preto, “duas mãos em consolo”, mas também, “duas mãos em apoio”. A tela produzida pela Participante C, parece-nos uma imagem de Nossa Senhora, declaradamente é uma demonstração de “fé”, tal como a criadora a identifica ao escrever essa palavra ao lado do desenho da santa. A imagem de Nossa Senhora é composta por um terço, o que nos sugere o exercício da oração, ou seja, pela oração e pela fé em Nossa Senhora. Alguns traços nos chamam atenção, como por exemplo, “um semblante de tristeza”, “a cor preta” e “a sombra de um corpo que vai desaparecendo”.

Dessa nossa brevíssima descrição e/ou análise, atentamos, foi produzida mediante a nossa percepção das telas, extremamente vinculada ao que vivemos da doença e ao que, de algum modo, ouvimos, no senso comum, sobre o que é obter um diagnóstico e como é o tratamento de câncer.

A partir de tudo o que estudamos e, sobretudo, daquilo que vivenciamos concreta e materialmente ao longo da pesquisa e da elaboração desta dissertação, chegamos a algumas conclusões. A Arte como expressão de sentimentos e emoções humanas guarda em si a efemeridade do que é intrínseco ao produtor, ou seja, suas alegrias, angústias, medos, entre tantos outros, que, em sua própria história, jamais se repetirão. Então, se não são perceptíveis do mesmo jeito como foi no momento da sua criação para o próprio autor, não será para nós receptores. Com isso queremos destacar que na produção artística o criador lida, no momento mesmo que cria, com a dialética de registrar, de tirar de dentro de si, conteúdos de sentimentais

e emocionais. Porém, o criador não deixa de ter tais sentimentos e emoções porque os internalizou, assim que, não os internaliza o observador ou receptor. Há nessa dialética, de externalização-internalização, comunicação e percepção efêmeras, históricas, materiais e emocionais, daquilo que implica os seres humanos em suas mais distintas, particulares e específicas vivências de medo, de dor, de alegria, de esperança, em suma, de desenvolvimento, de emancipação do que, verdadeiramente nos constitui humanos: nossa capacidade de dar a conhecer ao outro, nossas emoções e permitir que se vincule ou não com elas.

REFERÊNCIAS

ASBHAR, F. S. F. Idade escolas e atividade de estudo: educação, ensino e apropriação dos sistemas conceituais. *In*: MARTINS, L. M; ABRANTES, A. A; FACCI, M. G. D. **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico**. Campinas: Autores Associados, p. 171-192, 2020.

BATISTA-SIQUEIRA; Rodrigo. *et al.* Arte e dor em Frida Kahlo. *Rev. Dor*. São Paulo, 2014 abr-jun;15(2):139-44.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. 2 ed. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CASTRO, Uelinton. **Ensino da Arte: concepções subjacentes às práticas e sua contribuição no processo de emancipação humana**. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho. Rio Claro, 2015.

ENGELS, Friedrich. Cartas: Friedrich Engels a August Bebel. *In*: MARX, Karl. **Crítica do Programa de Gotha**. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 49-58.

ENGELS, F. (2006). O papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1876). **Revista Trabalho Necessário**, v. 4, n. 4). Disponível em: <https://doi.org/10.22409/tn.4i4.p4603>. Acesso em: 31 out. 2024.

FERREIRA, Dennis de Carvalho; MEIRELLES JR, Valdir; CUNHA, Karin Soares Gonçalves; JANINI, Maria Elisa Rangel; CURVELO, José Alexandre da Rocha. Enzimas citocromo P450 e sua correlação com os fatores de risco para o desenvolvimento do câncer de boca – um estado da arte. **R. Ci. Méd. biol, Salvador**, v. 6, n. 2, p. 223-232, mai./ago. 2007.

FONTE, Rebecca Feitosa da; ZAVANELLI, Adriana C.; COSTA, Ederson Ribeiro; GONÇALVES, Dreyf Assis; FAJARDO, Renato Salviato. **Efeitos terapêuticos da arte de contar histórias no tratamento de câncer**. 8º Congresso de extensão universitária da UNESP, 2015.

GATTI, José Paulo. **Aspectos formativos da literatura: a Arte Literária na emancipação humana desde uma perspectiva multirreferencial**. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2010.

HOSPITAL SANTA CASA. **A Santa Casa: sobre nós**. Disponível em: <https://santacasacm.com.br/santacasa/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

HOSPITAL SANTA CASA. **Ata de Acompanhamento**. De 11 de março de 2024a. Disponível em: <https://santacasacm.com.br/santacasa/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

HOSPITAL SANTA CASA. **Ata de Acompanhamento: intervenção no Hospital Santa Casa de Campo Mourão**. De 1 de julho de 2024b. Disponível em: <https://campomourao.atende.net/transparencia/item/atende.php?rot=1&aca=119&ajax=t&processo=viewFile&file=6B6BCF9671BCCC224A9652C443ACEC09BF34DDFA&sistema=wtr&classe=UploadTransparencia>. Acesso em: 24 fev. 2025.

HOSPITAL SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE CAMPO MOURÃO. **Demonstrações financeiras em 31 de dezembro de 2023**. Disponível em: <https://campomourao.atende.net/transparencia/item/atende.php?rot=1&aca=119&ajax=t&processo=viewFile&file=F703AB564344850A76FCA5C1E1645C206E8B76FC&sistema=wtr&classe=UploadTransparencia>. Acesso em: 21 fev. 2025c.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

LEONTIEV, Aleksei Nikolaevich. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, L.S., LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 9 ed. São Paulo: Ícone, 2001.

LEONTIEV, Aleksei Nikolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo**. Trad, Rubens Eduardo Frias São Paulo: Centauro, 2004.

LEONTIEV, Aleksei Nikolaevich. **Actividad, Conciencia y Personalidad**. Ediciones Ciencias del Hombre. Buenos Aires: Argentina, 1978.

LOPES, Isabel Cristina Chaves. A mediação da Arte no trabalho educativo do Serviço Social para a emancipação humana. **Temporalis**, Brasília, ano 17, n. 33, jan./jun. 2017.

LUKÁCS, György. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. 2009. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2009/bases_ontologicas_pensamento_atividade_homem_lukacs.pdf. Acesso em: 14 set. 2024.

LUKÁCS, György. **Estética**. Torino: Giulio Einaudi editores s.p.a., 1970.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social**. Boitempo Editorial, 2018.

LUKÁCS, György. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. Revista Temas. São Paulo, v. 1, p. 1-18, 1979.

LUKÁCS, György. **Estetica 1: la peculiaridad de lo estetico**. Traducción de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijaldo, 1982.

LUKÁCS, György. **Estética**. Boitempo Editorial, 2023.

LÖWY, Michael. **A teoria da revolução no jovem Marx**. Trad. Anderson Gonçalves. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARCUSE, Herbert. **Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social**. Trad. Marília Barroso. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

MÉSZÁROS, Iztvan. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARTINS, Alberto Mesaque; MORAES, Cristine Alice Lima de; RIBEIRO, Receba Brito Nery; ALMEIDA, Suellen Santos Lima de; SCHALL, Virgínia Torres; MODENA, Celina Maria. A produção científica brasileira sobre o câncer masculino: estado da arte. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 59, n. 1, p. 105-112. 2013.

MARTINS, Lígia Márcia. Psicologia Histórico-Cultural, Pedagogia Histórico-Crítica e Desenvolvimento Humano. In: MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Angelo Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico**. Campinas: Autores Associados, p. 13-34, 2020.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. Trad. Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010a.

MARX, Karl. Contribuição da crítica da filosofia do direito de Hegel: introdução. In: MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Trad. Rubens Enderle; Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2010b.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010c.

MARX, Karl; Friderich, Engels. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2023.

MÉSZÁROS, Ivan. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MENDONÇA, Fernando Wolff. **A organização da atividade de ensino pelo professor alfabetizador**. Curitiba: Editora CRV, 2018.

NAGEL, Lizia Helena. Do método ou de como pensar o pensamento. In: TULESKI, Silvana Calvo; CHAVES, Marta; LEITE, Hilusca Alves. A (org). **Materialismo Histórico-Dialético como fundamento da Psicologia Histórico-Cultural**: método e metodologia de pesquisa. Maringá: Eduem, 2015. p. 14-19.

PAULO NETTO, José. **Karl Marx**: uma biografia. São Paulo: Boitempo, 2020.

PEREIRA, Denise Perdigão. **Que arte entra na escola através do currículo?** Entre o utilitarismo e a possibilidade de emancipação humana pela arte, nos Programas de 1928 e 1941, na Escola Nova em Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

RANIERI, Jesus. **A câmara escura**. Alienação e estranhamento em Marx. São Paulo: Boitempo, 2001.

SHCHEGLOV, A. V. **História da Filosofia**. Marxists, 2016. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/historia_filosofia/index.htm. Acesso em: 09 abr. 2024.

SIMÕES, Érica de Nazaré Marçal Elmescany. **Contribuições da arteterapia no cuidado com mulheres em tratamento do câncer de mama.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Social)-Universidade Federal do Pará, 2008.

SMIRNOV, A. A. (1969). Las emociones y los sentimientos. In A. A. Smirnov, Leontiev, A. N., Rubinshtein, S. L., Tieplov, B. M. **Psicología** (pp. 355-381). México: Editorial Grijalbo S. A

SMINORV, A. A. *et al.*, **Psicología**. Trad. del russo: Florencio Villa Landa. 3 ed. en español. Academia de Ciências Pedagógicas de la R.S.S.F.R. Instituto de Investigación Científica. México: Editorial Grijalbo, 1969.

TORRES, Monica Lisboa. **Fotografia e câncer:** como a doença torna-se obra de arte? Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

TOASSA, G. (2009). **Emoções e vivências em Vigotski:** investigação para uma perspectiva histórico-cultural. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

VASCONCELLO, Erika Antunes. **Imagens simbólicas no adoecer:** estudo descritivo sobre o processo arteterapêutico de pacientes oncológicos. Tese (Doutorado em Ciências Médicas)-Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis.** 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **Obras Escogidas Tomo IV.** Madrid: Visor, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, Lev. **La imaginación y el arte en la infancia:** ensayo psicológico. Madrid: Akal, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Imaginação e criação na infância.** Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.